

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE –
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO.**

**ESTUDO DOS RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS NAS CARTAS
EUCLIDIANAS COMO MARCAS DO ESTILO DO AUTOR**

**SÃO PAULO
2010**

MARCELO DA SILVA ALMEIDA

**ESTUDO DOS RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS NAS CARTAS
EUCLIDIANAS COMO MARCAS DO ESTILO DO AUTOR**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a conclusão do curso de especialização em Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma.

ORIENTADORA: PROF^a DOUTORA DIELI VESARO PALMA

**SÃO PAULO
2010**

Para Maria de Lourdes da Silva Almeida, mãe e amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois, somente por Ele, objetivos podem tornar-se realidades cativantes.

Agradeço a minha orientadora, a prof^a Doutora Dieli Vesaro Palma, pela orientação prestada e compreensão em todo o percurso trilhado nesse caminho. Aos meus pais, Severo Joaquim de Almeida (*in memorian*) e Maria de Lourdes da Silva Almeida, por terem me conduzido ao caminho da formação cidadã.

Agradeço, também, ao corpo docente que me acompanhou durante o curso, principalmente aos professores José Everaldo e Nancy Casagrande pelo apoio e intermédio acadêmico fornecido.

À equipe da COGEAE pelas informações e atendimentos prestados durante os contatos realizados.

Agradeço, enfim, aos amigos e a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho. A todos meus sinceros agradecimentos.

“Nosso cuidado não deve ser o de viver muito e sim o de andar bastante porque o primeiro depende do destino e o segundo de nós mesmos.”

Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: CONCEPÇÕES ESTILÍSTICAS	12
1.1 <i>O Conceito de Estilística em Perspectiva Diacrônica</i>	13
1.2 <i>Vertentes Estilísticas</i>	19
CAPÍTULO 2: MORFOSSINTAXE	27
2.1 <i>Conceito de Morfossintaxe</i>	27
2.2 <i>Perspectivas Morfossintáticas</i>	29
2.2.1 <i>Vertente Morfossintática Estruturalista</i>	31
2.2.2 <i>Vertente Morfossintática Pela Linguística Textual</i>	34
2.3 <i>Aplicações Morfossintáticas na Construção do Sentido Textual</i>	37
CAPÍTULO 3: GÊNERO EPISTOLAR	40
3.1 <i>Concepção de Gênero</i>	40
3.2 <i>O Gênero Epistolar</i>	50
CAPÍTULO 4: ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS CARTAS DE EUCLIDES DA CUNHA	59
4.1 <i>Euclides da Cunha (1866 – 1909)</i>	60
4.2 <i>Problemática Proposta</i>	61
4.3 <i>Caracterização das Epístolas Euclidianas</i>	62
4.4 <i>Análise Estilística das Epístolas Euclidianas</i>	64
4.4.1 <i>Unidade Textual</i>	65
4.4.2 <i>Progressão Textual</i>	67
4.4.3 <i>Procedimentos de Escritura</i>	74
4.5 <i>Discussão dos Resultados</i>	103
CONCLUSÃO	105
BIBLIOGRAFIA	108

INTRODUÇÃO

Esse trabalho possui como tema a análise dos recursos morfossintáticos presentes nas epistolas de Euclides da Cunha, como questão de estilo do autor.

A escolha desse autor justificou-se pelo fato de ele ter sido uma personagem importante para a História, pois sua obra revelou o preconceito existente em relação à população sertaneja, no final do século XIX. Tal obra, chamada de “Os Sertões”, trouxe, além disso, a imagem de um Brasil interiorano ainda oculta para as populações litorâneas, graças à linguagem nela utilizada.

A maneira como Euclides da Cunha utilizou a linguagem para relatar tais acontecimentos e tocar o leitor sobre a veracidade dos fatos relatados evidencia um estilo textual diferenciado em relação a outros autores que também trataram de tais questões. Por isso, o interesse de investigação desse trabalho, ou seja, a problematização se focou em destacar quais são as marcas de estilo, no campo morfossintático, que esse autor possuía.

Esse trabalho tem como objetivo a investigação das marcas de estilo morfossintáticas do escritor Euclides da Cunha. Sabe-se que ele escreveu várias obras no campo literário e no campo jornalístico, as quais contribuíram consideravelmente para a produção de conhecimentos em outras áreas científicas.

Dos documentos produzidos pelo autor, foi utilizado para a averiguação das marcas de estilo morfossintáticas sua produção epistolar. Esses textos foram reunidos pela professora Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galloti em uma obra que recebeu o nome de *Correspondências de Euclides da Cunha*, que foi o objeto de pesquisa desse trabalho. Dessa coletânea, selecionaram-se as missivas

escritas no ano de 1903 que totalizaram 59 documentos, número que se considerou suficiente para atingir ao objetivo proposto.

A escolha do gênero epistolar entre os diversos textos foi justificada pela possibilidade de se resgatar em informações que contribuía para os diversos campos de pesquisas como, por exemplo, o científico, o histórico, o literário e o linguístico.

A História nos mostra que houve uma época em que, para haver a comunicação entre as pessoas distantes, era necessário o envio de correspondência. Muitas delas apagaram-se no tempo, levando consigo toda a possibilidade de um enriquecimento lingüístico-literário e o conhecimento de uma época. Mas, graças à ação de alguns intelectuais que contribuía com a preservação desse material, hoje é possível através de estudos enriquecer o conhecimento das diversas áreas do conhecimento.

Lingüísticamente, esse gênero textual carrega consigo marcas importantes como, por exemplo, a prática social, a possibilidade de levantar características de utilização da língua na época da composição de tais documentos e o grau de afetividade e formalidade entre receptor e emissor através da escolha lexical.

A escolha do campo morfossintático justificou-se por se a morfossintaxe o estudo das relações que as palavras exercem dentro do enunciado. Essas relações não são únicas e, por isso, possibilitam ao autor a construção de enunciados com uma determinada carga semântica e a utilização de uma determinada combinação definida por sua escolha estilística. Esses aspectos são importantes para a construção de um enunciado com um determinado sentido textual que se deseja transmitir para o leitor.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Primeiramente, levantou-se a bibliografia que trata dos pontos de interesse dessa pesquisa, posteriormente selecionaram-se as leituras e, por fim, iniciou-se a elaboração da redação. Essa redação foi elaborada em sete capítulos, que são: introdução, concepções estilísticas, estudo morfossintático, gênero epistolar, análise estilística das cartas de Euclides da Cunha, conclusão e bibliografia.

A introdução apresenta o tema, a problematização, o objetivo, a justificativa de escolha pelo autor, pelo campo morfossintático e pelo foco estilístico e a metodologia aplicada para a investigação dos pontos citados.

O capítulo I, intitulado “concepções estilísticas”, apresenta a definição de estilística, levanta seu objeto de estudo e seus idealizadores. Após o levantamento de tais dados, parte-se para o estudo das teorias estilísticas, dos estudos realizados por pesquisadores estilísticos e as contribuições geradas por tais estudos no campo da estilística. Ao final, destaca-se a concepção de estilo que o trabalho foca para a análise, juntamente com sua linha teórica.

O capítulo II, intitulado “morfossintaxe”, apresenta a definição de morfossintaxe, posteriormente trata da morfossintaxe na vertente estruturalista e na vertente da linguística textual – vertente escolhida para a análise desse trabalho – para, por fim, verificar as aplicações dos recursos linguísticos discursivos no texto.

O capítulo III, intitulado “gênero epistolar”, estrutura-se inicialmente com a concepção do termo “gênero” por meio de estudos linguísticos para posteriormente apresentar a definição do gênero epistolar, algumas particularidades desse gênero e sua mudança de formatação em virtude do avanço tecnológico.

O capítulo IV trata da análise estilística das cartas euclidianas. Inicialmente, destacam-se alguns dados do autor, da problemática proposta, da caracterização das epístolas euclidianas para, enfim, evidenciar a análise das missivas de Euclides da Cunha.

A análise das missivas apresenta-se dividida em três partes: a primeira trata da unidade textual dos documentos, a segunda da progressão textual desses documentos e a terceira dos procedimentos de escritura dos textos. Na parte que trata da unidade textual, apresenta-se a estrutura composicional (indicadores que comprovem que o texto é um gênero epistolar), tema, tipologia estrutural do texto e, por fim, a função desse gênero.

A progressão textual, segunda parte da análise, apresenta a forma como o autor desenvolve o texto nas missivas. Um exemplo de progressão pode ser a de encadeamento de temas tratados (retomada de determinado tema tratado ou introdução de um novo na composição textual). Por fim, o capítulo apresenta os procedimentos de escritura das cartas. Nessa parte da análise, há a investigação nos níveis lexical e sintático para que assim se destaquem as marcas estilísticas morfossintáticas do autor. Nesse momento, destacam-se trechos de cartas ou missivas integrais e evidenciando os recursos lexicais e sintáticos de acordo com a constituição do sentido que esses recursos propiciaram ao autor na composição dos documentos. Por fim, discutem-se os resultados obtidos, destacando-se o papel estilístico dos elementos analisados.

A conclusão resgata a problematização proposta nesse trabalho evidenciando as marcas de estilo do autor averiguadas durante a análise.

A bibliografia relaciona tanto os livros utilizados como referências teóricas para a elaboração dessa análise; quanto os livros utilizados somente como fonte de leitura para ampliar as informações de base teórica.

Feita as considerações estruturais dessa pesquisa, iniciamos o primeiro capítulo que trata da estilística, destacando seu conceito e estudando seu objeto de estudo em uma perspectiva diacrônica para após apontar algumas vertentes de estudos estilísticos.

CAPÍTULO 1

CONCEPÇÕES ESTILÍSTICAS

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, tematizar-se-á a estilística, começando por sua definição, levantando seu objeto de estudo e seus idealizadores. A partir disso, discorrer-se-á sobre as teorias estilísticas, os estudiosos estilísticos e suas contribuições para os estudos da temática citada.

Tal discussão tem como objetivo o levantamento de dados que evidenciem a importância da estilística como meio fundamental para a identificação de

recursos que possam possibilitar ao estudioso, analisar questões de estilo de autores e gêneros textuais diversos. Para a finalidade dessa monografia, a composição desse capítulo é essencial, pois trará as bases teóricas e os recursos expressivos que justificarão os levantamentos feitos na análise dos documentos euclidianos.

Para isso, o capítulo será composto de duas partes, a saber: a primeira tratará dos conceitos atribuídos à estilística e ao seu objeto de estudo - o estilo - que, segundo as pesquisas, ainda não está constituído; além de abordar as vertentes idealizadoras. A segunda parte tratará das teorias estilísticas, ou seja, dos estudos feitos no campo da estilística por alguns autores e algumas contribuições desses autores para essa área.

1.1- O CONCEITO DE ESTILÍSTICA EM PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Pode-se dizer que a estilística consolidou-se como uma disciplina com o advento da Lingüística no começo do século XX. A professora Nilce Sant'Anna, em seu livro *Introdução à Estilística*, diz que “embora a palavra *estilística* já fosse usada no século XIX, é no século XX que ela passa a designar uma nova disciplina ligada à Lingüística” (MARTINS, 1989, p.3).

No século XIX, a palavra já era utilizada mais fortemente na Europa. A esse respeito o professor Gladstone Chaves de Melo, em seu livro *Ensaio de Estilística da Língua portuguesa*, ressalta que “a palavra ... já teria cerca de trinta anos na língua francesa e mais do que isso na língua alemã” (MELO, 1975, p.15).

Isso não quer dizer que antes não havia trabalhos que analisassem aspectos de estilo. Pode-se dizer que o termo *estilística* substituiu o que antes se chamava de Retórica. Ao tratar dessa questão, o professor Gladstone diz que a estilística

nessa vida pretérita atendia por outro nome – Retórica -, formulada e enriquecida pelos gregos, continuada pelos romanos, cultuada pelos medievais, acarinhada pelos humanistas do Renascimento e seus descendentes e, por fim, repudiada e sepultada pelos românticos e naturalistas. A Estilística, pois, é uma Fênix ou um Avatara, conforme as preferências mitológicas de cada um.

(MELO, 1975, p.17)

Criada pelo Filósofo Aristóteles, a Retórica trata de meios reunidos em um manual chamado *Arte Retórica e Arte Poética* que aborda a linguagem com fins persuasivos e artísticos. Está dividido em três partes e a terceira aborda as questões de estilo da linguagem. Em relação à abordagem estilística aristotélica, Goffredo Telles Júnior, responsável pelo estudo introdutório do livro, afirma que “este filósofo que preferia a exatidão a qualquer outra qualidade e que, por vezes, caía na obscuridade por excesso de concisão, distinguiu admiravelmente os recursos que o estilo oferece ao orador” (ARISTÓTELES, 2005, p.24).

Para definir mais precisamente a obra aristotélica, utilizemos as palavras da professora Nilce Sant’Anna que afirma que

a retórica é um conjunto de *desvios* suscetíveis de *autocorreção*, isto é, que modificam o nível normal de *redundância* da língua, transgredindo regras, ou inventando outras novas. O desvio criado por um autor é percebido pelo leitor graças á presença de um *inventariante*. O conjunto dessas operações, tanto as que se desenvolvem no produtor como as que têm lugar no consumidor, produz um efeito estético específico, que pode ser chamado *ethos* e que é o verdadeiro objeto da comunicação artística.

(MARTINS, 1989, p. 21)

Como destacado pelo professor Gladstone, a queda da retórica se deu em virtude da ascensão do romantismo e do naturalismo no século XVIII. Isso porque, segundo a professora Nilce Sant'Anna, houve “a valorização do individual e repúdio de normas estabelecidas e da imitação como princípio artístico” (MARTINS, 1989, p.19)

No século seguinte, a visão espiritual e metafísica, que eram pioneiras para explicar os fenômenos do mundo, cederam lugar às ciências que se tornaram prioritárias para explicar tais fenômenos. Tudo passou a ser explicado por meio das ciências. Essa visão influenciou outros campos de estudos, como a psicologia que passou a ser subordinada à comprovação fisiológica e a própria linguagem que precisava se enquadrar como uma ciência.

Dessa necessidade, houve vários estudos, mas foi com Ferdinand de Saussure que a linguagem se estabeleceu como uma ciência chamada de Lingüística.

Dada a criação da Lingüística, Ferdinand de Saussure passou a ministrar um curso chamado *Cours de linguistique générale* entre 1906 e 1911 que deu origem a uma obra póstuma chamada de Lingüística Geral elaborada por dois de seus discípulos: Albert Sechehaye e Charles Bally. Este, além de ter colaborado com a criação da obra, foi o criador da estilística.

Pode-se dizer que foi Charles Bally quem fez ressurgir a retórica transformada. Percebe-se tal fato nas palavras do professor Gladstone: “à velha Retórica vai sucedendo a estilística, aparelhada de mais adequados meios de investigação e de uma tomada-de-consciência da variedade dos usos linguísticos e das diferentes funções da linguagem” (MELO, 1975, p. 27). Ou seja, a estilística atenderá às necessidades investigatórias da linguagem concebida a partir daquele século.

A partir de seu nascimento, a estilística acumulou muitos estudos, pois como toda ciência nova, tende a realizar muitas investigações para novas descobertas. Teve seu ápice na primeira metade do século XX, vindo a ceder o interesse investigatório para outras ciências a partir da segunda metade do século XX. As pesquisas realizadas nesse novo campo não chegaram a suprir todas as necessidades de investigação da estilística. Algumas lacunas ainda se encontram em aberto, principalmente em relação ao seu objeto de estudo ainda não definido.

Antes de entrar nesta questão, torna-se necessário elencar alguns conceitos atribuídos por alguns estudiosos com vistas a caracterizar essa nova corrente de estudos.

Para Pierre Guiraud, “Estilística, em sua dupla forma, é uma retórica moderna, é uma *ciência de expressão* e uma *crítica dos estilos individuais*” (GUIRAUD, 1970, p.9); e ainda complementa que “essa definição só se destaca lentamente, e a nova ciência do estilo só vagarosamente reconhece seu objeto, seus alvos e seus métodos”. Para Riffaterre, “Estilística é uma ciência do estilo” (RIFATERRE, 1971, p.61).

Apoiados nesses e em outros estudiosos, verificam-se conceitos mais recentes, como é o caso do conceito atribuído pelo professor José Lemos Monteiro, em seu livro *A Estilística*, que a define como “uma disciplina que busca seu próprio objeto” (MONTEIRO, 2005, p.15). A professora Nilce Sant’Anna diz que “A Estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo” (MARTINS, 1989, p.1).

Pode-se dizer que esse último conceito resume os outros e aponta diretamente o objeto de interesse da estilística enquanto ciência: o estilo. Este também é conceituado de inúmeras formas das quais destacamos algumas.

Para Pierre Guiraud (1970, p.164), “estilo é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve”. Para Jakobson (1970, p.2), “estilo é uma expectativa frustrada”. Para Rifaterre (1971, p.32), “o estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva, ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura lingüística sem alteração de sentido”.

Mais recentemente, o professor Gladstone utilizou para embasar seu conceito de estilo, as palavras de Sílvio Elia quando disse: “acho que consegui caracterizar bem ‘estilo’ Silvio Elia, quando diz: Estilo significa o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua” (MELO, 1975, p.24).

Outros conceitos poderiam ser apresentados, mas esses são suficientes para mostrar que há várias definições atribuídas à palavra “estilo” o que indica que ele ainda não está efetivamente conceituado. Tal diversidade revela um problema que talvez tenha impedido que a estilística defina o seu objeto de estudo: a amplitude semântica que a palavra “estilo” carrega em si e essa polissemia possibilita muitos conceitos.

A esse respeito, o professor José Lemos Monteiro afirma que “um dos mais sérios obstáculos à delimitação do campo de estudo da Estilística é exatamente o da diversidade de acepções que o termo *estilo* encerra.” E mais adiante complementa “se se pretende que um termo de significado tão vago e genérico

se refira ao objeto de uma disciplina, o primeiro esforço terá que ser o de se tentar uma delimitação” (MONTEIRO, 2005, p.43).

A partir da evidencia do problema, o autor destaca as palavras de Murry (1949:45) e aponta três linhas distintas para a análise do problema:

- conjunto de traços característicos da personalidade de um escritor (estilo como idiossincrasia);
- tudo aquilo que contribui para tornar reconhecível o que alguém escreve (estilo como técnica de exposição);
- realização plena de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular (estilo como realização literária).

Ao analisar essas linhas, José Lemos destaca que “tal recorte restringe a aplicação do termo *estilo* ao uso individual da linguagem para fins literários” (MONTEIRO, 2005, p.44). Essa delimitação não atenderia ao propósito de Charles Bally que, segundo o mesmo autor,

pretendia que a análise jamais se desviasse do fato linguístico em si mesmo, mas se limitasse ao objetivo de descrever as relações da forma com o pensamento, considerando as estruturas e seu funcionamento no próprio sistema e não circunscritas ao discurso de um dado falante”.

(MONTEIRO, 2005, p.44)

O que se percebeu foram focos diferentes de análise para o mesmo objeto de estudo. O criador da estilística pretendia uma coisa, enquanto outros estudiosos pretendiam outra coisa. Desses estudiosos, destacamos Leo Spitzer, que focou as questões de estilo no campo literário. Pode-se dizer que tanto a vertente estilística de Bally quanto a vertente estilística de Spitzer se sustentaram até os dias atuais nos campos de estudo dessa disciplina. Visto isso, torna-se necessário tratar-se brevemente dessas vertentes.

Constata-se que o estudo do estilo focado no lado individual do autor possibilitou uma vertente mais literária. A 2ª parte desse capítulo tratará das vertentes de Charles Bally e de Leo Spitzer, segundo alguns estudos.

1.2- VERTENTES ESTILÍSTICAS

Nessa segunda parte, trataremos das vertentes estilísticas de Charles Bally e de Leo Spitzer, além de outros caminhos percorridos pelos estudos estilísticos conforme o avanço da Lingüística. Começaremos tratando da vertente de Bally, posteriormente da vertente de Leo Spitzer e por fim destacamos alguns caminhos percorridos por outros estudiosos.

Como já foi destacado, deve-se a Charles Bally (1865-1947) a criação da estilística. Ele percebeu que os estudos lingüísticos desenvolvidos por seu mestre Ferdinand de Saussure não tratavam das questões afetivas da linguagem, ou seja, focavam apenas as questões referenciais ou denotativas. A partir daí, empenhou-se em pesquisar os elementos afetivos que a língua oferece ao falante, criando a estilística, dando a ela um caráter de disciplina e delimitando seu objeto de estudo.

Sobre essa questão, o professor Guiraud destaca o objetivo aplicado à disciplina por Charles Bally: “A estilística estuda os fatos da expressão da linguagem do ponto de vista do conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade mediante a linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (GUIRAUD, 1970, p.74). A partir daí, muitos estudos foram feitos em relação à estilística de Bally, dos quais destacamos alguns.

Nilce Sant’Anna denomina essa estilística como “estilística da língua ou da expressão lingüística” uma vez que afirma que “Charles Bally volta-se para os

aspectos afetivos da língua falada, da língua a serviço da vida humana, língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada e possuidora de um sistema expressivo cuja descrição deve ser tarefa da Estilística” (MARTINS, 1989, p.3).

José Lemos intitula-a como descritiva uma vez que ela se concentra na análise dos componentes do discursos (MONTEIRO, 2005, p.15). Gladstone Chaves, ao caracterizar a estilística de Charles Bally, afirma que “o que Charles Bally tem em mira é a sistematização dos meios que a língua oferece ao sujeito-falante para a exteriorização de suas ressonâncias afetivas, do acompanhante emocional do enunciado” (MELO, 1975, p.20).

Percebe-se então que seu propósito é realmente descrever o sistema expressivo da linguagem seja no plano fonológico, morfossintático e semântico em sua generalidade, mas que não se centrasse no plano individual de um autor. Essa exclusão feita por Charles Bally em relação à individualidade tornou possível a criação de uma estilística que considerasse tal plano. Essa tarefa acabou ficando a cargo da estilística literária, que tem como principal figura Leo Spitzer.

Sob influência de Karl Vossler, Leo Spitzer (1887-1960), estudioso alemão, foi responsável por desenvolver o estudo de uma estilística com o foco diferente da que Charles Bally criou. O foco dado por ele era o estudo do estilo individual de um autor na composição de sua obra, mais conhecido como estilística literária.

Ao investigar tal corrente, Nilce Sant’Anna aponta que a corrente iniciada por Leo Spitzer é “também chamada de *idealista* (por se prender à filosofia de B. Croce e K. Vossler), *psicológica* (por lhe interessar a psicologia do escritor) e *genética* (por pretender chegar à gênese, ou origem da obra literária)”. E complementa ao dizer que

a estilística de Spitzer parte da reflexão, de cunho psicológico, sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado

psíquico normal provoca um afastamento do uso lingüístico normal; um desvio da linguagem usual é, pois, indício de um estado de espírito não habitual. O estilo do escritor - a sua maneira de expressar-se – reflete o seu mundo interior”.

(MARTINS, 1989, p.7)

Tendo o foco psicológico, alguns autores destacam um método de análise para a estilística de Leo Spitzer; entre eles, o professor Gladstone, que diz que tais métodos de análise

receitem a intuição como método, a constante abertura aos preconceitos e aos gostos pessoais. Ler e reler muitas vezes a obra, até que, num detalhe ou no conjunto, se processe o ‘estalo’, a instantânea revelação da *Anschauung*, da síntese psico-emocional que desencadeou o poema, o conto, o romance. A partir daí procurar entender cada segmento, cada peça, cada capítulo como realização daquele instante fecundo”.

(MELO, 1975, p.28)

Tanto a linha teórica de Bally quanto a de Spitzer contribuíram para a realização de estudos que são considerados importantes para as pesquisas da estilística. Esse aspecto é reconhecido pelo professor Guiraud que considera que “todo estudo estilístico se reduz a dois tipos básicos: o estudo descritivo da expressão e o estudo genético das relações entre a língua e o usuário” (GUIRAUD, 1970, p.137).

Embora considerados como tipos básicos, outros autores diversificaram as correntes de estudos estilísticos. Isso se deveu à evolução dos estudos lingüísticos que foram tomando novos caminhos. Destacaremos algumas dessas correntes.

Em um dado momento do estruturalismo, surge a estilística estrutural que, segundo Nilce Sant’Anna, “diz-se estrutural quando se baseia nas relações dos elementos do texto”; e ainda complementa: “a estilística estrutural salienta que o valor estilístico de um signo depende de sua posição no seio de um sistema”

(MARTINS, 1989, p.14). Tem como seguidor Michael Riffaterre, professor da Columbia University. É autor do livro *Essais de Stylistique Structurale* que tratou dos estudos estilísticos na perspectiva da estrutura da linguagem.

Sobre essa Estilística, o professor José Lemos destaca que Riffaterre propôs que “análise estilística deveria basear-se em critérios objetivos, capazes de controlar as inferências do leitor”. E ainda complementa

se se deseja dar a ela (a estilística) um caráter científico ou delimitar uma área da Lingüística voltada para a utilização literária da língua, insiste Riffaterre (1971), não se pode partir de uma apreensão subjetiva dos elementos do estilo. Por isso, o trabalho de interpretação tem que centrar-se apenas no fatos estilisticamente marcados. E, para tanto, é necessário levar em conta a própria percepção do leitor, já que tais fatos são justamente aqueles que causam surpresa ou manifestam um certo grau de imprevisibilidade.

(MONTEIRO, 2005, p.25)

Percebe-se nessas palavras que há a intenção de aproximar a estilística idealista da estilística da expressão.

Recorrendo novamente à professora Nilce Sant’Anna, vemos que ela destaca na estilística de Riffaterre um ponto importante: o leitor; e assim diz que um

ponto importante na teoria de Riffaterre é a ênfase dada ao leitor: o estudo do estilo só pode ser definido em função do leitor, sendo destituída da pertinência estilística toda referência do autor. Os resultados estilísticos devem ter por base, portanto, depoimentos de leitores diversos, críticos, pessoas de alguma cultura literária.

(MARTINS, 1989, p.15)

Saindo do foco da estrutura da linguagem e entrando no aspecto comunicacional da linguagem, encontramos uma estilística denominada de Funcional.

Segundo Gladstone Chaves, a figura principal dessa estilística é Roman Jakobson. Ao tratar dessa vertente, o autor salienta que “o ponto-de-partida (da estilística funcional) é uma interpretação da língua, melhor, do circuito fechado à base da teoria da comunicação” (MELO, 1975, p.33).

Percebemos então que essa estilística está relacionada às funções da linguagem. Cabe explicar cada um dos elementos da comunicação os quais adquirem uma função específica: ao contexto, atribui-se a função referencial; ao emissor, atribui-se a função emotiva; ao destinatário, atribui-se a função conativa; ao contacto, atribui-se a função fática; ao código, atribui-se a função metalingüística, e à mensagem, atribui-se a função poética. Roman Jakobson não utiliza os termos *Estilística* e *estilo*, mas sim *Poética* e *função poética*.

Explica Nilce Sant’Anna que “Jakobson parte do processo de comunicação em que ocorrem seis fatores: emissor, contexto, mensagem contacto, código, destinatário” e conclui que

a função poética, que vem a ser o pendor para a própria mensagem, correspondendo à sua elaboração como um fim em si mesma, pode sobrepor-se às demais funções, ou ainda estar presente no texto sem ser a de maior proeminência. Considera (Jakobson) *obra poética* aquela em que a função poética tem primazia, e *Poética* a parte da Lingüística que trata da função poética nas suas relações com as outras funções da linguagem”.

(MARTINS, 1989, p.12)

Mais adiante, José Lemos destaca estudos estilísticos na vertente gerativista, retórica, poética, semiótica, entre outros. A estilística Gerativa teve como figura principal Ohmann e seguiu a linha de descrição de frases gramaticais aceitáveis em uma determinada língua. Ohmann, segundo José Lemos,

tentou explicar as diferenças entre textos e autores a partir do tipo de relação derivacional estabelecida entre as frases nucleares subjacentes e as frases realizadas, que variam segundo as regras transformacionais em

funcionamento. O estilo passa a ser visto como uma forma peculiar de utilizar o aparato transformacional da língua para lograr diferentes classes de estruturas gramaticais.

(MONTEIRO, 2005, p.27)

O professor José Lemos destaca ainda que o objeto da estilística gerativa é o de definir as regras de uma gramática da literatura. Essa afirmação é justificada uma vez que, no texto literário, é possível a construção de frases consideradas agramaticais para a gramática de uma língua.

Enquanto que a estilística gerativa perdia seu campo de atuação, outra surgia resgatando alguns métodos clássicos. Trata-se da estilística retórica. Justamente recebeu esse nome em virtude do resgate citado. Alguns grupos de estudiosos deram destaque a algumas figuras clássicas como a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio*, como pertinentes aos estudos lingüísticos da época.

Sobre essa Estilística, José Lemos, destacou que ela “passa a ser definida como um conjunto de desvios (*metáboles*) que modificam o nível de redundância da língua, o que se torna perceptível em virtude de uma *marca*” (LEMOS, 2005, p.29).

A estilística Poética, assim como a estilística Retórica, também foi ressurgida; porém com um foco diferente: antes era o autor; agora é a obra. Está mais próxima da vertente de Spitzer. Ela equivale à *Teoria da Literatura* segundo os formalistas russos.

A estilística Semiótica é uma fusão entre a disciplina estilística com a disciplina Semiótica. José Lemos define-a como “uma disciplina cujo escopo englobaria todos os temas relacionados às linguagens enquanto sistema de signos” (LEMOS, 2005, p.34).

Todas essas vertentes citadas possibilitam uma diversificação nos focos de exploração estilística, o que muito contribui para ampliar os estudos existentes nesse campo.

Para esse trabalho, utilizaremos o conceito de estilo destacado pelo professor Pierre Guiraud, já citado anteriormente, que diz ser o estilo uma escolha dos meios de expressão determinada pela intenção do falante ou escritor. Seguiremos a linha teórica descritiva e expressiva criada por Charley Bally por ser adequada ao objetivo deste trabalho.

Escolhido o conceito e a linha teórica para a realização desse trabalho, entramos no segundo capítulo que aborda a morfossintaxe.

CAPÍTULO 2

MORFOSSINTAXE

INTRODUÇÃO

Nesse capítulo, focalizamos aspectos morfossintáticos, recursos escolhidos para se identificarem as marcas estilísticas do autor, na perspectiva da lingüística textual. Para isso, primeiramente conceituamos morfossintaxe; posteriormente estudamos alguns princípios de análise mórfica, de estrutura e de formação de vocábulos, de organização e de estruturação da frase na vertente estruturalista; em seguida tratamos a morfossintaxe na vertente da lingüística textual para, por fim, verificar a aplicação desses levantamentos na construção do sentido textual.

2.1- CONCEITO DE MORFOSSINTAXE

A morfossintaxe é o estudo das funções sintáticas que cada classe gramatical pode exercer na oração. É um campo de estudo que utiliza os aspectos morfológicos e suas relações no campo sintático. Visto isso, descrevemos os aspectos individuais desses dois campos.

Cabe à morfologia o estudo da estruturação e da formação das palavras na Língua Portuguesa e, ainda, depois de formadas, a sua descrição gramaticalmente, indicando a que classe as palavras pertencem. Portanto,

morfologia é o estudo da estruturação, formação e classificação das palavras em Língua Portuguesa.

A palavra morfologia tem origem nos termos gregos *morfo-*, que significa “forma”, e *-logia*, que indica “ciência, estudo sistemático de um tema”. Etimologicamente, morfologia é o estudo da forma ou do corpo, no caso, das palavras em Língua Portuguesa e seu objeto de estudo é a palavra.

A palavra morfologia surgiu em 1830 no campo biológico. Em 1860, seu uso expandiu-se para a linguística. A professora Laroca (1994, p.12) justifica que essa expansão

se deve à influência do modelo evolucionista de Darwin sobre os estudos da linguagem. Os gramáticos e filólogos alimentavam o sonho de descobrir a origem da linguagem através do estudo da evolução das palavras em indo-europeu.

A partir desse momento o termo morfologia passou a ser dicotômico ao termo sintaxe, do qual trataremos a seguir.

A sintaxe é o estudo das combinações por meio das palavras na frase. Sabe-se que as palavras não têm lugar fixo na oração e, por isso, podem ser combinadas de diferentes maneiras, de acordo com a intenção de quem fala ou escreve. Essa palavra, *sintaxe*, é originada do termo latino *syntaxis*, que significa “ordem, disposição das palavras”.

Diferente da palavra morfologia, a palavra sintaxe é antiga, pois já fazia parte da gramática greco-latina. Segundo a professora Laroca, a sintaxe era dicotômica à flexão, parte da gramática clássica que estudava as variações das palavras em suas formas.

Portanto, percebe-se que os estudos sintáticos e morfológicos não são estudos dissociados, embora alguns manuais didáticos ainda se atenham a essa forma de ensino.

Em relação a essa questão, a professora Flavia Corone (2005, p.101) afirma que é compreensível a separação por um recurso didático, mas que isso não deve obscurecer as semelhanças que aproximam morfologia e sintaxe. Isso porque há uma relação de dependência que articula dois functivos, gerando uma unidade superior. Por fim, a autora cita Hjelmslev¹ que diz que “toda a sintaxe é morfologia e toda morfologia é sintaxe”.

A posição que se seguiu nessa pesquisa foi a defendida pela professora Flavia Carone: trabalhar a morfologia e a sintaxe referenciando uma com a outra, estabelecendo assim uma análise morfofossintática na perspectiva da Linguística textual.

2.2- PERSPECTIVAS MORFOSSINTÁTICAS

Para esse trabalho, falamos de duas perspectivas morfofossintáticas: a morfofossintática na vertente estruturalista e a morfofossintática na vertente da linguística textual, vertente escolhida para a análise das cartas de Euclides da Cunha. Isso por ser importante destacar a classificação estrutural da palavra e das relações sintáticas entre elas para depois se estudar suas contribuições na produção do texto.

¹ HJELMSLEV, L. *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1976, p. 90. Segundo Koch (2008, p.11), a Linguística Textual é um novo ramo da Linguística que tem como objeto de investigação o texto por ser ele a forma

específica de manifestação da linguagem. O termo foi empregado, no sentido de análise textual, pela primeira vez por Weinrich² (1966, 1967).

Escolheu-se a Linguística Textual como perspectiva de análise do gênero epistolar de Euclides da Cunha, por ser uma corrente de estudos que possibilita resultados mais precisos, quando se trata de desvendar sentidos em textos.

O estudo morfossintático dentro da Linguística Textual não se fixa somente em descrever e conceituar as palavras e as frases, mas em verificar suas aplicações e funções para a construção do sentido dentro do texto e assim estabelecer a coesão textual. Porém, antes de tratarmos da morfologia na visão da linguística textual, abordamos o estudo morfológico na visão do estruturalismo, corrente linguística que se preocupou em estudar a palavra em seu conteúdo estrutural.

²WEIRINCH, H. et al. 1966. *linguistik der Luge*. Verlag Lambert Schneider, Heidelberg.

_____. 1967. “Syntax als Dialektik” (Bochumer Diskussion). In: *Poética* 1: 109-126.

2.2.1- VERTENTE MORFOSSINTÁTICA ESTRUTURALISTA

Viu-se que o campo de estudo morfológico gira em torno da palavra, que vai desde sua significação mínima até o próprio termo constituído. Segundo Koch (2003, p.25), “o vocábulo formal ou morfológico apresenta-se, então, como a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais

formas livres”. Como exemplo, citemos a palavra “cantor”. Ao desmembrá-la, teremos como vocábulo morfológico *cant-*, que constitui uma unidade mínima significativa morfológica – ato de pronunciar palavras ou mensagens por meio musicais.

Essa unidade de significação mínima também é chamada de morfema lexical e representa aspectos da realidade extralinguística e os termos restantes são chamados de morfemas gramaticais, os quais carregam a informação sobre o funcionamento gramatical da língua. Eles são subclassificados em classificatórios, flexionais, derivacionais e relacionais.

Os classificatórios têm a função de enquadrar as palavras em classes de nomes e verbos. Por exemplo: *cont -a* (substantivo); *verd -e* (adjetivo); *garot -o* (substantivo); *cant-a-r* (verbos); *vend-e-r* (verbo); *part-i-r* (verbo). Por meio dessa exemplificação, percebemos que os morfemas classificatórios enquadram os vocábulos em nomes e verbos. São eles: /-a, -e, -o/ para nomes e / -a, -e, i/ para os verbos.

Os flexionais indicam a variação em tempo, número e gênero. Por exemplo: *menin -a* (gênero); *panela -s* (número); *canta -remos* (tempo).

Os derivacionais criam novas palavras na língua. Por exemplo: *livro/livrinho*: /inho/ - morfema derivacional.

Os relacionais ordenam os elementos da frase. Sintaticamente, são conhecidos como conectivos (preposições, conjunções e pronomes relativos). Por exemplo: *João e Maria*: /e/ - morfema relacional.

Em relação ao processo de formação de palavras, existem dois principais em Língua Portuguesa: por derivação e por composição. A derivação constitui-se em um processo de formação por agregação de afixos a um morfema lexical como, por exemplo, ilegal / legal. Nesse caso temos um par de palavras com sentidos opostos, em decorrência do acréscimo do sufixo “ i ”. Os processos de derivação são: o prefixal (por – *compor*), o sufixal (toco – *toquinho*), prefixal e sufixal (feliz – *infelizmente*), parassintética (*entardecer*), regressiva (caçar – caça) e imprópria (colégio-modelo). Este último é caracterizado pela mudança de classe gramatical. A palavra modelo passou de adjetivo a substantivo.

A composição é o processo de formação de palavras que utiliza outras já existentes. Citam-se como exemplos as palavras planalto e amor-perfeito em que, na primeira, aglutinaram-se dois elementos (plano e alto); enquanto na segunda juntaram-se duas palavras por meio do uso do hífen e criou-se uma nova. Seguindo a ordem de exemplos, no primeiro ocorreu um processo de aglutinação e no segundo ocorreu um processo de justaposição.

Depois de formadas, as palavras são agrupadas em classes por meio da função que cada uma mantém no campo morfológico. São elas: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Esta última é considerada atualmente como um vocábulo-frase, pois sua função atende mais às necessidades sintáticas e menos às morfológicas. Percebemos por meio das informações estruturalistas escritas anteriormente, a importância de se conhecer a morfologia na visão estrutural da palavra, pois assim podemos entender os processos de formação, classificação e relação que os vocábulos exercem dentro da língua.

A partir desse momento, as palavras estabelecem relações de combinações na constituição das frases, as quais são chamadas de relações sintáticas.

A sintaxe tem por objetivo estudar as relações das palavras na estrutura frasal. Para se entender como se dá essa estruturação, é necessário conhecer alguns elementos da sintaxe.

Kock, entende por frase “uma expressão verbal de um pensamento, ou seja, todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação” (KOCK, 2002, p.11).

É por meio dela que se estabelece a comunicação entre interlocutores. As frases podem ser nominais e verbais (para os processos de análise sintática, só interessam as frases verbais). As frases verbais também são chamadas de orações e período simples. A junção de períodos simples forma períodos compostos que, quando agrupados, formam os parágrafos e posteriormente as estruturas maiores como, por exemplo, os textos.

As orações são constituídas, obrigatoriamente, de sintagmas nominais e verbais que são correspondentes, na gramática normativa, às funções de sujeito e predicado. Não obrigatórios são os sintagmas adjetival e preposicionado, que podem estar presentes também na oração e têm respectivamente como núcleo os adjetivos e as preposições.

A obrigatoriedade do sintagma nominal e verbal justifica-se por serem termos indispensáveis para a compreensão do enunciado, embora haja contestações em relação a essa afirmação. Consideremos o exemplo: “Choveu bastante em São Paulo”. Nessa oração temos: “choveu” – sintagma verbal; “bastante em São Paulo” – sintagma adverbial. No caso, temos uma oração com um sintagma verbal e um sintagma adverbial que carrega uma mensagem compreensível que não foi prejudicada pela falta do sintagma nominal.

Relacionadas as informações morfológicas na vertente estruturalista, passamos a tratar a morfologia na vertente da linguística textual.

2.2.2- VERTENTE MORFOSSINTÁTICA PELA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Anteriormente, citamos as dez classes de palavras existentes na língua. A linguística textual as considera muito importante em diversos pontos: na nomeação, na caracterização, na quantificação, na substituição, na modalização de elementos textuais, mas principalmente para estabelecer a coesão e a coerência de um texto.

Em relação à coesão, Kock (2009, p.16) cita autores para estabelecer uma definição de coesão, entre eles, Halliday & Hasan (1976), Beaugrande & Hasan (1981) e o professor Marcuschi (1983). Para Halliday & Hansan (1976), “a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação”. Para Beaugrande & Dressler (1981) “a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical”. Para o professor Marcuschi (1983) coesão são os fatores “que dão conta de uma estruturação da sequência superficial do texto”. A partir dessas considerações, Kock afirma que “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”.

Visto isso, a autora considera dois processos importantes na construção textual: a coesão remissiva ou referencial e a coesão sequencial. A coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro nela

presente ou inferível a partir do universo textual (KOCK, 2009, p.31). São exemplos de classes de palavras que são utilizadas nesse processo de coesão: os artigos, pronomes, numerais, advérbios e os verbos. Vejamos o exemplo para exemplificação:

“... venho lembrar-lhe uma velha promessa, feita aí, quando os *Sertões* eram apenas um projeto: traduzi-*lo* em francês” (GALVÃO, 1997, p.147). A sequência faz uma remissão por meio do pronome *-lo* ao elemento lexical *Sertões*.

A coesão sequencial trata dos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem diversos tipos de relação semântica ou pragmática (KOCK, 2009, p.53). Elas podem ser classificadas como coesão por sequenciação parafrástica ou coesão por sequenciação frástica.

A coesão parafrástica é aquela em que a sequenciação do texto é feita sem procedimentos de recorrência estrita. Por exemplo: O trem corria, corria, corria... Nesse trecho, há uma sequenciação parafrástica, pois o desenvolvimento do enunciado é feito sem recorrência de um outro termo, mas pela repetição lexical.

A coesão frástica é a sequenciação textual que é feita por meio de procedimentos de recorrência. Observe o exemplo:

“Lorena, 19 de setembro de 1903

Escobar

Aqui recebi a tua carta de ontem.

Ontem chegou o Bormann. Obrigadíssimo.

Responda-me dizendo quando, provavelmente, podes vir. Não tens por aí notícias da minha candidatura?

Não sou mais extenso porque vou seguir já para Lambari onde voltarei hoje mesmo.

Até breve – Abraça-te o am^o.

Euclides

P.S. – Não recebi ainda o Senna Madureira – e o outro. Talvez venham à tarde
Euclides” (GALVÃO, 1997, p.180-181).

No exemplo acima, temos uma coesão por sequenciação frástica, pois há a progressão textual por meio de conectores como: “quando” – esse conector funciona como localizador temporal dentro do parágrafo; “porque” esse conector introduz uma explicação necessária no enunciado.

Visto isso, percebe-se que o uso dos recursos coesivos de maneira adequada no texto garante a construção de um texto claro e com sentido. Não só a coesão, mas também a coerência possibilita a construção de enunciados semanticamente claros.

2.3- APLICAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO TEXTUAL

Os aspectos morfológicos e sintáticos vistos nos itens anteriores são importantes para tratar das questões da construção do sentido do texto, uma vez que demonstram como se dá o processo de criação, flexão e construção da palavra e de unidades maiores (frase, período, parágrafo). A partir desse ponto, podemos demonstrar como os elementos lexicais e as unidades maiores podem construir o sentido textual.

Como já tratado no item 2.2.2, nos textos, o sentido é construído por meio de elementos que funcionam como mecanismos que remetem ao autor do texto, ao tema, à finalidade da escrita, à localização temporal, às ideias destacadas, entre outros. Koch (2009, p.15) destaca que é por meio desses e outros elementos que se cria a tessitura do texto e o uso desses mecanismos é denominado como coesão textual. Para exemplificação, observe o exemplo abaixo:

- Carta de nº 144 endereçada ao pai.

“Lorena, 22 de setembro de 1903

Meu Pai

Desejo que esta o encontre bem de saúde.

Apresso-**me** em comunicar-**lhe que** fui eleito ontem para a Academia de Letras – para a cadeira do seu grande patrício, Castro Alves. **Assim**, o desvio que abri nesta minha engenharia obscura, alongou-se mais do que eu julgava. É ao menos um consolo nestes tempos de filhotismo absoluto, verdadeira idade de ouro dos medíocres. Tive eleitores como Rio Branco e Machado de Assis. Mas não tenho vaidades: **tudo isto** revela a boa linha reta que o sr. me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nela. Mande sempre notícias.

Filho e amº.

Euclides” (GALVÃO, 1997, p.181).

As palavras em destaque remetem o leitor às seguintes informações:

-me: ao autor da carta;

-lhe: ao destinatário da carta;

que: ao tema da carta;

assim: à conclusão do tema;

tudo isto: a algo dito anteriormente.

Esses elementos funcionam como mecanismos coesivos, pois colaboram na construção do sentido do texto e em sua progressão textual. A progressão textual é o processo pelo qual o texto se constrói com a introdução de informação nova ligada à informação que já é do conhecimento do leitor ou que lhe é fornecida no próprio texto.

Além disso, no próprio texto, são dados elementos que depois são retomados para que sejam ligados a outra informação: é a forma de o texto ir progredindo. Na carta-exemplo, citada anteriormente, temos um exemplo de coesão por sequenciação frástica uma vez que houve encadeamentos realizados por meio de marcas linguísticas.

Em relação à temática, podemos ter na progressão textual: a introdução de informação nova que estabelece relações de sentido com os conhecimentos prévios do leitor e com segmentos do próprio texto e que fornece a informação, interligando-as. Kock (2009, p.53) destaca que a manutenção do tema é dada pelo uso dos termos do mesmo campo lexical. No exemplo, a manutenção do tema foi feita pelo uso dos termos: eleito, cadeira e eleitores.

Os estudos morfossintáticos podem ser aplicados na lingüística do discurso quando se tem o foco analítico na estrutura do enunciado para a produção do texto oral ou escrito. Assim, pode-se ver como se deram as relações morfossintáticas em um devido discurso e qual o efeito de sentido dessas relações.

Uma vez apresentados os recursos morfossintáticos que são utilizados para análise do texto na perspectiva da lingüística textual, iniciamos o terceiro capítulo que trata do gênero epistolar.

CAPÍTULO 3

GÊNERO EPISTOLAR

INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, tratou-se da morfossintaxe na visão da gramática tradicional, do estruturalismo e da Linguística Textual. Em relação a ela, destacaram-se suas características e suas relações tanto com a produção textual quanto com a formação de seu sentido.

Neste capítulo, tratamos do gênero epistolar, tão antigo e importante para a obtenção de informações nas diversas áreas do conhecimento. Para isso, iniciamos o capítulo tratando da concepção do termo “gênero” pautada em estudos lingüísticos elaborados por alguns estudiosos. Além disso, discorreremos também sobre outras particularidades referentes ao termo. Em seguida, focalizamos o objeto de pesquisa dessa monografia, ou seja, o gênero epistolar, primeiramente justificando porque ele pode ser considerado como gênero textual para depois traçar – de maneira objetiva – uma visão diacrônica desse gênero, juntamente com suas características e particularidades para, por fim, evidenciar sua extinção, ou melhor, sua mudança de formatação em virtude do avanço tecnológico.

3.1- CONCEPÇÃO DE GÊNERO

Muitas foram e são as concepções de “gêneros”. Adiante destacaremos algumas para assim podermos estabelecer um traço comum entre elas.

Para Miller (1984:159)³, citado por Marcuschi (2002), “os gêneros são ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes”. Ele ainda afirma que o gênero é uma “ação social” e que uma possível definição “não deve centrar-se na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que ele aparece para realizar-se” (1984:151).

Swales (1990:33)⁴, citado por Marcuschi (2002), afirma que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Para Eija Ventola (1995:7)⁵, citado por Marcuschi (2002), “os gêneros são sistemas semióticos que geram estruturas particulares que em última instância são captadas por comportamentos lingüísticos mediante os registros”.

Para Bakhtin (1997:262)⁶, citado por Marcuschi (2002), “os gêneros eram tipos ‘relativamente estáveis’ de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana”.

³ MILLER, C. R. 1984. Genre as social action. *Quarterly journal of Speech*. **70**: 151-167.

⁴ SWALES, J. M. 1990. *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-65.

⁵ VENTOLA, E.. 1995. Generic and Register Qualities of Texts and Their Realization. In: PETER H. FRIES & MICHAEL GREGORY (eds.). *Discourse in Society: Functional Perspectives. Meaning and choice in Language: studies for Michael Halliday*. Norwood, Ney Jersey, Ablex, p. 3-26.

⁶ BAKHTIN, Michael. 1997. *Estética da Criação Verbal*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes.

Já Bronckart (1999:33)⁷, citado por Marcuschi (2002), afirma que “a apropriação dos gêneros textuais é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humana”.

Percebe-se em tais definições traços em comum quanto à visão do termo “gênero”. Ao escrever sobre os gêneros textuais, o professor Marcuschi buscou nesses autores, especificamente em Swales, em Bakhtin, em Bronckart, algumas considerações importantes para estabelecer uma definição a essa expressão. Portanto, apóia-se nesses autores sua definição, que diz que

os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. [...] os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, pois são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

(MARCUSCHI, 2002, p.19).

Segundo o autor, são históricos porque surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, independentemente de momento e época; portanto, são criados pelos homens conforme suas necessidades comunicacionais.

Essa expressão, segundo esse mesmo autor, sempre esteve, na tradição ocidental, ligada aos gêneros literários, mas atualmente já não é mais assim, fato que se comprova ao ler a definição mencionada anteriormente por Swales.

⁷BRONCKART, J – P. 1999. *Atividades de Linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ. Nesse último século, os estudos em relação à concepção de gêneros textuais têm ganhado trabalhos diversos, inclusive alguns com interesses em quantificá-los. Adamzik (1997), lingüista alemão, chegou a apontar a existência de 4000

gêneros, mas o interesse por uma totalização dos gêneros textuais perdeu-se em virtude do rápido crescimento deles. Talvez tal aumento quantitativo esteja relacionado ao crescimento tecnológico contemporâneo que exige constantemente a criação de novos gêneros à medida que tal campo renova-se.

Do ponto de vista tecnológico, podemos dividir em dois momentos as mudanças de concepção ocorridas em relação aos estudos dos gêneros textuais: um antes da Revolução Industrial e outro depois. Antes da Revolução Industrial, os gêneros não eram tão diversos e não recebiam diretamente tanta influência da tecnologia existente naquela época. A partir da Revolução industrial, a industrialização trouxe novas necessidades, inclusive sociais e culturais, necessidades que foram aumentando com a criação tecnológica.

Talvez um dos papéis mais importantes dos gêneros seja ordenar e estabilizar a comunicação cotidiana. Se tomarmos, por exemplo, uma organização empresarial, veremos que todas as situações de comunicação se dão por meio dos gêneros: as comunicações internas, as palestras, os relatórios periódicos, as reuniões, entre outros. Elas são importantes, pois estabelecem a comunicação entre interlocutores, no caso, todos os funcionários para que possam agir de maneira favorável em relação à empresa que representam.

Quanto à estruturação desses gêneros, o professor Marcuschi estabelece que tais gêneros, tanto orais quanto escritos, são compostos por tipos textuais, que, segundo ele, “são uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (MARCUSCHI, 2002, p.22). Baseando-se nessa natureza linguística, podemos nomear cinco categorias tipológicas: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Para propor uma caracterização de cada tipo textual, o professor utiliza os critérios estabelecidos por Werlich (1973) que elaborou uma matriz de critérios baseados nos aspectos acima citados. Sintetizando sua matriz, teríamos uma caracterização baseada no esquema abaixo:

BASES TEMÁTICAS	EXEMPLOS	TRAÇOS LINGÜÍSTICOS
1. TIPO DESCRITIVO	“SOBRE A MESA HAVIA MILHARES DE VIDROS.”	VERBO ESTÁTICO NO PRESENTE OU IMPERFEITO, UM COMPLEMENTO E UMA INDICAÇÃO DE LUGAR.
2. TIPO NARRATIVO	“OS PASSAGEIROS ATERRISSARAM EM NOVA YORK NO MEIO DA NOITE.”	VERBO DE MUDANÇA NO PASSADO, UM CIRCUNSTANCIAL DE TEMPO E LUGAR.
3. TIPO EXPOSITIVO	(A) “UMA PARTE DO CÉREBRO É O CORTEX.” (B) “O CÉREBRO TÊM 10 MILHÕES DE NEURÔNEOS”.	(A) EXPOSIÇÃO SINTÉTICA: SUJEITO, PREDICADO, UM COMPLEMENTO COM GRUPO NOMINAL. ENUNCIADO DE IDENTIFICAÇÃO DE FENÔMENOS. (B) EXPOSIÇÃO ANALÍTICA: SUJEITO, VERBO FAMILIAR DE “TER”, COMPLEMENTO QUE ESTABELECE COM O SUJEITO UMA RELAÇÃO PARTE-TODO. ENUNCIADO DE LIGAÇÃO DE FENÔMENOS.
4. TIPO ARGUMENTATIVO	“A OBSESSÃO COM A DURABILIDADE NAS ARTES NÃO É PERMANENTE.”	VERBO SER NO PRESENTE E UM COMPLEMENTO. ENUNCIADO DE ATRIBUIÇÃO DE QUALIDADE.
5. TIPO INJUNTIVO	“PARE!”, “SEJA RAZOÁVEL!”	VEM REPRESENTADO POR UM VERBO NO IMPERATIVO.

Visto isso, torna-se necessário destacar dois aspectos importantes em relação ao termo “gênero textual” e ao termo “tipo textual”: o primeiro aspecto é que em muitos momentos essas noções de gênero e tipo textual muitas vezes se

confundiam. Mas a partir do momento que se estabeleceu como *gênero* os textos materializados com características sócio-comunicativas e como *tipo* a natureza lingüística desses textos, as noções de um e do outro ficaram mais claras. Talvez o que tenha originado essa não-diferenciação tenha sido a falta de estudos que norteasse os conceitos de um e de outro.

O segundo é que os gêneros não são formados por uma única categoria lingüística. Por isso são chamados de *heterogêneos* e uma sempre irá predominar, mas nunca estará sozinha no texto materializado. Tomemos os seguintes exemplos: os gêneros *inquérito policial*, *receita de bolo*, *aula expositiva*, *atestado de óbito* e *romance*.

No gênero *inquérito policial*, em geral, temos a predominância da argumentação com passagens descritivas e narrativas; no gênero *receita de bolo*, a injunção⁸ pode prevalecer, porém estará acompanhada de uma possível descrição; no gênero *aula expositiva*, a exposição pode prevalecer, porém com possibilidades de vir juntamente com todas as outras categorias; no gênero *atestado de óbito*, a descrição pode prevalecer; por fim, no gênero *romance*, a narração predominará por toda a sua extensão.

Esses e outros gêneros podem ser reunidos por seus locais de origem. A estes chamamos de *domínio discursivo* que, segundo o professor Marcuschi,

trata-se de uma expressão utilizada para designar uma esfera ou instância de produção discursiva da atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos.

(MARCUSCHI, 2002, p.23).

Para exemplificar, se fosse solicitada a identificação do domínio discursivo do gênero sermão, poder-se-ia dizer que ele preferencialmente pertence ao domínio religioso; uma vez que tal gênero surge predominantemente dentro de uma

esfera religiosa. No caso do gênero epistolar, poderíamos afirmar que ou pertenceria ao domínio jornalístico (carta de opinião), ou pertenceria ao domínio familiar (carta pessoal), ou pertenceria ao domínio religioso (carta aos fiéis), ou a qualquer outro domínio dependendo do âmbito em que ele surgisse. Isso é possível porque os gêneros circulam ao mesmo tempo nas diversas instâncias e tendem a atender a determinadas finalidades da esfera. É por isso que um determinado gênero pode pertencer a mais de um domínio.

Um outro aspecto a ser considerado em relação aos gêneros textuais, além da heterogeneidade tipológica, é a sua intertextualidade intergêneros. Segundo o professor Marcuschi, a expressão “intertextualidade intergêneros” foi utilizada por Ursula Fix (1997:97) “para designar o aspecto da hibridização ou mescla

⁸ O termo “injunção”, nesse caso, designa o tipo textual a ser utilizado. Ele é um tipo de texto que leva ao leitor algo a mais que uma simples informação. Leva uma instrução! Não é o texto que argumenta, que narra, que debate, mas que leva uma determinada orientação transformadora.

de gêneros em que um gênero assume a função de outro” (MARCUSCHI, 2002, p.23).

Como exemplo podemos destacar a reportagem elaborada por meio do gênero notícia de jornal, publicada no jornal *O GLOBO*, em 3 de janeiro de 2009. Segundo as jornalistas, o juiz Afif Jorge Simões Neto construiu sua resposta à solicitação de isenção de um pedido de indenização em forma de poema, ou seja, utilizou-se do recurso intergêneros. Vejamos o que consta na reportagem:

Justiça em prosa e verso

(Mariane Thamsten e Luisa Valle)

Um juiz, provavelmente entediado, resolveu deixar seu trabalho, digamos, um pouco mais divertido: proferiu seu voto em forma de verso durante um julgamento na semana passada. O juiz Afif Jorge Simões Neto, da 2ª Turma Recursal Cível do Rio Grande do Sul, encontrou uma forma até criativa para negar um pedido de indenização feito pelo chefe de um rapaz que, durante um discurso na Câmara dos Vereadores de Santana do Livramento, afirmou que ele não prestava conta das verbas públicas recebidas para a realização de eventos. Imagina se a moda pega?!

Confira aqui o voto-poema (Proc. nº 71001770171):

"Este é mais um processo
Daqueles de dano moral
O autor se diz ofendido
Na Câmara e no jornal.

Tem até CD nos autos
Que ouvi bem devagar
E não encontrei a calúnia
Nas palavras do Wilmar.

Numa festa sem fronteiras
Teve início a brigantina
Tudo porque não dançou
O Rincão da Carolina.

Já tinha visto falar
Do Grupo da Pitangueira
Dançam chula com a lança
Ou até cobra cruzeira.

Houve ato de repúdio
E o réu falou sem rabisco
Criticando da tribuna
O jeitão do Rui Francisco

Que o autor não presta conta
Nunca disse o demandado
Errou feio o jornalista
Ao inventar o fraseado.

Julgar briga de patrão
É coisa que não me apraza
O que me preocupa, isso sim
São as bombas lá em Gaza.

Ausente a prova do fato
Reformo a sentença guerreada
Rogando aos nobres colegas
Que me acompanhem na estrada.

Sem culpa no proceder
Não condeno um inocente
Pois todo o mal que se faz
Um dia volta pra gente.

E fica aqui um pedido
Lançado nos estertores
Que a paz volte ao seu trilho
Na terra do velho Flores."

Essa intertextualidade intergêneros tende a ser notícia nos veículos de comunicação por fugir da tradição e do espaço comum. O que deve ficar claro é que o fato de ele não estar apresentando sua forma convencional, não descarta sua natureza genérica, ou seja, ele não deixa de ser um gênero sentença para ser um gênero poema e nem de pertencer ao domínio jurídico para pertencer ao domínio literário. No caso, a funcionalidade do texto determinará o domínio e o gênero a qual pertencerá.

Apresentada a questão dos gêneros textuais e de suas particularidades, cabe agora tratarmos especificamente do gênero epistolar, atribuindo conceito função, importância e outras informações pertinentes ao tema.

3.2- O GÊNERO EPISTOLAR

Utilizando os aspectos estudados anteriormente, podemos definir o gênero epistolar como um gênero histórico, utilizado para a prática sócio comunicativa, híbrido, que pode pertencer a mais de um domínio – pois pode ter várias funcionalidades – de tipologia heterogênea e que tem como principal função estabelecer uma comunicação entre interlocutores de modos e formas diversas.

Também conhecidas como cartas ou missivas, as epístolas têm uma existência antiga e podem ser consideradas como, em sua modalidade escrita, a principal forma de comunicação de povos antigos. É tanto que, atualmente, historiadores, lingüistas e amadores de cartas trabalham também para a conscientização da preservação desses documentos, tendo em vista sua importância em resgatar traços culturais e sociais tanto de seus autores quanto da época em que foram escritas.

Se tomarmos como referência os estudos literários de qualquer língua, veremos que as epístolas estiveram sempre presentes nesses estudos, em maior ou menor

número, fornecendo informações diversas que muito contribuem para a aquisição de conhecimentos em tal campo. A essa questão, a professora Walnice Nogueira, em seu artigo *À Margem da Carta*, destaca a contribuição desses documentos para esse campo quando cita autores, nas letras portuguesas, como Mario de Sá Carneiro e Fernando Pessoa que escreveu vários desses documentos, inclusive, conforme a autora, uma que “explica a origem de seus heterônimos a Adolfo Casais Monteiro” (NOGUEIRA, 1998, p.155).

Mario de Andrade é outro epistológrafo citado por sua *profusão e originalidade*, segundo Carlos Drummond de Andrade. Esse epistológrafo chegou a escrever cerca de 8.000 cartas que se encontram guardadas no instituto de Estudos Brasileiros, da USP.

Na literatura Francesa, têm-se as epístolas de Madame de Sévigné endereçadas à filha, Madame de Grignan, que, segundo a autora, “são consideradas, merecidamente, como um clássico da literatura francesa” (NOGUEIRA, 1998, p.156).

Assim, tais apontamentos reforçam a importância que esses documentos possuem e que se comprova com a afirmação da professora Walnice Nogueira (1998:156) quando ela diz que

Assim, podemos ter nas cartas: 1) Elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida; 2) Fontes de idéias e de teorias não comprometidas pela forma estética; 3) Em certos casos ainda, como os de Madame de Sévigné, e de Sórora Mariana Alcoforado, um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita.

Da forma como as epístolas foram criadas por seus autores, podemos considerá-las como uma prática em extinção; isso em virtude da nova formatação que esse gênero adquiriu com o surgimento da era tecnológica.

As epístolas podem ser classificadas conforme o domínio de que fazem parte como, por exemplo: carta ao leitor (domínio jornalístico), carta ao eleitor (domínio político), carta pessoal (domínio familiar), entre diversas outras. Todas com a mesma função – estabelecer uma comunicação entre os interlocutores – e com poucas diferenças entre elas. Se tomarmos como referência os três tipos, podemos estabelecer, entre vários, os seguintes traços distintivos:

CARTA AO LEITOR	CARTA AO ELEITOR	CARTA PESSOAL
- Conteúdo aberto ao público.	- Conteúdo aberto ao público.	- Conteúdo restrito a um interlocutor específico.
- Entre outras, possui uma função principal de esclarecer algo.	- Entre outras, possui uma função principal de convencer alguém.	- Entre outras, possui uma função principal de dar e receber notícias.
- Geralmente, apresenta linguagem formal.	- Geralmente, apresenta linguagem formal.	- Geralmente, apresenta linguagem familiar (formal afetuosa).

Para efeito de exemplificação, selecionamos três modelos dessas missivas para evidenciar tais aspectos. O primeiro modelo é uma carta ao leitor publicada na revista *Guia do Estudante* na edição 8 de 2009. Ela tem como objetivo esclarecer e persuadir o leitor da necessidade da educação continuada. Assim, diz a autora:

CARTA AO LEITOR INVISTA EM VOCÊ

Há vários motivos para você voltar à escola depois da graduação. Seja qual for ele - reciclar conhecimentos, aumentar a rede de contatos, ingressar na vida acadêmica ou redirecionar a carreira -, uma coisa é certa: fazer uma pós-graduação é um

investimento que tem retorno garantido. Primeiro, porque continuar a estudar é uma necessidade da qual não podemos abrir mão. Atualmente, é praticamente impossível sobreviver profissionalmente e ascender na carreira sem prosseguir se atualizando. Depois, porque aprender também é um grande prazer. Ao abrir nossa mente para o novo, descobrimos outras possibilidades e significados e ampliamos nossos horizontes.

Com o objetivo de ajudá-lo a dar o primeiro passo para conquistar novas perspectivas, mais uma vez editamos o GUIA DO ESTUDANTE PÓS-GRADUAÇÃO & MBA. Neste ano, porém, com muitas novidades. A fim de facilitar a busca e auxiliar sua decisão, os nomes dos cursos e dos programas estão organizados por ordem alfabética. Para selecionar as 339 instituições que oferecem os 13.428 cursos aqui publicados, usamos como critérios tanto a qualidade acadêmica - representada pela avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - quanto o reconhecimento pelo mercado, expresso nos rankings de MBAs dos últimos cinco anos da revista VOCÊ S/A, da Editora Abril. E, para você começar a se planejar desde já, incluímos os valores das mensalidades das especializações, bem como a descrição de alguns dos cursos mais ofertados no país.

Por fim, na hora de optar por um curso, vale a dica dada por praticamente todos os especialistas que entrevistamos: ele deve se adequar aos seus objetivos profissionais e oferecer ensino de qualidade - assuntos também abordados nas reportagens das páginas. 14 e 24.

Com esse conjunto de informações, esperamos que você encontre a opção que mais combina com seu caminho profissional e pessoal. Bom estudo e boa sorte!

Lisandra Mathias, editora

lmathias@abril.com.br

Após a leitura desse documento, percebemos que há a presença das características citadas no quadro anterior, bem como de outras. O conteúdo é aberto ao público; há o objetivo de esclarecer, no caso, a necessidade da educação continuada, além de apresentar uma linguagem formal.

Caracterizada a carta ao leitor, destacamos agora uma carta ao eleitor que foi distribuída aos eleitores de um determinado bairro, na última eleição para prefeito da cidade de São Paulo, com o objetivo de solicitar o apoio eleitoral a um determinado candidato. Veja-se o modelo:

ATENÇÃO ELEITORES DA COMUNIDADE
(VILA GERES, VILA UNIVERSAL, JARDIM FLÓRIDA E JARDIM CALIFÓRNIA E MORELATO)

CARTA ABERTA AOS ELEITORES
DESTA COMUNIDADE

ESTA COMUNIDADE PRECISA URGENTE ELEGER UM REPRESENTANTE A HORA É AGORA O PRIMO CÂNDIDO 20000 PEDE O SEU VOTO, POIS DURANTE ESSES ANOS TEM AJUDADO VÁRIAS PESSOAS E QUER TE AJUDAR TAMBÉM APOIANDO VOCÊ E SUA FAMÍLIA, SE ELEITO VAI LUTAR POR PROJETOS PARA A NOSSA COMUNIDADE TAIS COMO:

- SANEAMENTO BÁSICO (REDE DE ESGOTO)*
- CONSTRUÇÃO DE UMA CRECHE / MATERNAL PARA ATENDER AS MÃES TRABALHADORAS*
- MELHORAR O ATENDIMENTO DO POSTO DE SAÚDE COM FUNCIONAMENTO ATÉ AS 22:00 HORAS*
- RECUPERAÇÃO DA LINHA DE ÔNIBUS CALIFÓRNIA / PQ. IMPERIAL, QUE SÓ PERDEMOS PORQUE NÃO TEMOS REPRESENTANTE NA CÂMARA MUNICIPAL*
- UMA ÁREA DE LAZER E RECREAÇÃO PARA TODOS*

*CRIAÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA COMUNIDADE QUE FUNCIONAVA NO SALÃO DE FESTAS **PRIMO CÂNDIDO** COMO UM CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL COM CURSOS DE INFORMÁTICA PARA TODOS, ALÉM DE PROGRAMAS SOCIAIS COMO:*

- **DISTRIBUIÇÃO DE REMÉDIOS (DOSE CERTA)***
- **BOLSA FAMÍLIA***
- **LEVE LEITE***
- **AUXÍLIO MORADIA***
- **PRIMEIRO EMPREGO E OUTROS***

*MUITAS PESSOAS NÃO CONHECEM OS SEUS DIREITOS O **PRIMO CÂNDIDO 20000** VAI ORIENTAR, E AJUDAR A TODOS QUE TIVEREM UM PROBLEMA A RESOLVER, TUDO ISSO SÓ SERÁ POSSÍVEL SE NO DIA 05 DE OUTUBRO VOCÊ DIGITAR PARA **VEREADOR 20.000***

*SE ELEITO O **PRIMO CÂNDIDO 20000** ATENDERÁ VOCÊ AQUI EM SEU ESCRITÓRIO À RUA DAS ADÁLIAS, 320 JARDIM FLÓRIDA MAIS CONHECIDO COMO SALÃO DE FESTAS **PRIMO CÂNDIDO 20000** QUE JÁ SERVE A NOSSA COMUNIDADE E SERÁ TRANSFORMADO NUMA ASSOCIAÇÃO ONDE SERÁ CRIADO UM CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL VISANDO A FORMAÇÃO E PREPARO DOS JOVENS PARA O PRIMEIRO EMPREGO COM CURSOS DE INFORMÁTICA PARA TODOS DESTA COMUNIDADE, PENSE NISSO!!!*

*O **PRIMO CÂNDIDO 20000** É SUPLENTE DE DEPUTADO FEDERAL, EM 2006 RECEBEU 12.701 VOTOS AGORA ELE PRECISA DE 3.000 VOTOS PARA CONSEGUIR UMA VAGA NA CÂMARA MUNICIPAL E SER NOSSO REPRESENTANTE, A NOSSA COMUNIDADE TEM OS VOTOS QUE ELE PRECISA ENTÃO É HORA DE MOSTRAR A NOSSA FORÇA VAMOS NOS UNIR E VOTAR A FAVOR DA NOSSA COMUNIDADE **VEREADOR É PRIMO CÂNDIDO 20000***

Conforme dito anteriormente, tal carta tem como objetivo a solicitação de apoio eleitoral para a candidatura de um candidato a vereador. Nela, percebemos, entre outras, as características citadas no quadro anterior que a diferenciam dos outros modelos: o conteúdo persuasivo para atender ao objetivo desejado; a linguagem

formal acessível ao eleitor talvez para tornar clara as intenções e os objetivos e, assim, transmitir confiança e clareza a ele.

Por último, destacamos uma carta pessoal. Esse exemplo faz parte da coletânea de missivas escrita por Euclides da Cunha ao pai. Nela, Euclides da Cunha trata com o pai, entre outras coisas, de *Os Sertões*, obra que tornou público seu nome por desmistificar os conceitos vigentes na época em relação à população sertaneja. Assim, ela foi escrita:

Lorena, 25 de fevereiro de 1903

Meu Pai

Desejo-lhe felicidades. Respondo a sua carta de 23. Estive no Rio — e modifico um pouco o que disse sobre os editores dos Sertões. Pelas contas que vi, as despesas foram, de fato, grandes — de sorte que, dividido o líquido, terei um ou dois contos de réis. É possível que seja mais feliz na 2ª edição. Os homens, apesar do que dizem (e nesta terra são fáceis os juízos temerários) me parecem sérios. O que sobretudo me satisfaz é o lucro de ordem moral obtido: a opinião nacional inteira que, pelos seus melhores filhos, está inteiramente do meu lado. Cito, por exemplo, a opinião de um homem que é naturalmente o mais antipático a tudo quanto possa haver de republicano no Brasil, o Visconde de Ouro Preto. Disse-me ontem o dr. Gusmão, numa roda em que estava o dr. Gomes, que a opinião do grande chefe monarquista é esta: Os Sertões são o único livro digno de tal nome, que se publicou no Brasil depois de 15 de novembro. Toda a gente assim pensa. Assim, de qualquer modo lucrei. Venci por mim só, sem reclames, sem patronos, sem a rua do Ouvidor e sem rodas. E dado esse primeiro movimento, continuarei, se o permitir a engenharia ingrata e trabalhosa.

Peço-lhe dar lembranças ao Otaviano e à Adélia e abençoe ao seu filho e am^{fi}.

Euclides.

Percebe-se o tom familiar que é característica da carta pessoal, além das outras citadas no quadro anterior: o conteúdo é restrito a um interlocutor específico e, nesse caso, houve a dupla intenção de dar e fornecer notícias.

Seja qual for a função ou qual for o domínio, esse modelo epistolar encontra-se em extinção como já mencionado. Mas alguns estudiosos acreditam que o que ocorreu de fato foi uma mudança de formatação de tais documentos em virtude do crescimento tecnológico.

A professora Walnice Nogueira explica que “a carta se apresenta como um meio de comunicação obsoleto” (NOGUEIRA, 1998, p.160). A autora fundamenta essa afirmação quando diz que com a popularização do telefone, a prática epistolar começou a declinar. Retorna a ser praticada, mas não com tanta frequência, com o advento do fax; passa a ser escrita à máquina de escrever e cai consideravelmente com a substituição da máquina de escrever pelo computador, que é o responsável pela mudança de formatação do modelo antigo. Escritas por meio desse equipamento, as cartas passaram a ter características digitais e o prazo de entrega chega a ser instantâneo – uma vez que se utilize a Internet para tal função.

Por isso, muitos estudiosos afirmam que o que realmente ocorreu foi uma mudança de formatação e não uma extinção propriamente dita desse gênero. Walnice Nogueira considera que “a epistolografia não esteja propriamente desaparecendo, mas efetuando uma transferência de suporte e de visualidade, enquanto mantém sua função de comunicação interpessoal” (NOGUEIRA, 1983, p.162).

Muito se poderia ainda discorrer sobre o gênero epistolar, evidenciando mais detalhadamente suas particularidades, mas o que foi mencionado talvez seja suficiente para atender aos propósitos desse trabalho. Uma vez focalizadas as questões estilísticas, a morfossintaxe e o gênero epistolar, no capítulo seguinte analisar-se-á a morfossintaxe nas epístolas selecionadas de Euclides da Cunha como marcas do estilo do autor.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS CARTAS DE EUCLIDES DA CUNHA

Nesse capítulo, serão analisadas estilisticamente as epístolas de Euclides da Cunha, uma vez já definida a base teórica que apoiará a análise do corpus.

As epístolas de Euclides da Cunha, objeto de pesquisa desse trabalho, encontram-se reunidas em livro organizado por Walnice Nogueira Galvão e por Oswaldo Galotti intitulada *Correspondência de Euclides da Cunha*. Ele é composto por 398 missivas ordenadas cronologicamente.

Para análise, selecionamos 59 cartas. Não se descarta a importância da leitura integral da correspondência euclidiana, porém o foco analítico determinado nesse trabalho pôde ser alcançado por uma leitura parcial dos documentos. Em virtude disso, escolheram-se, aleatoriamente, as missivas escritas no ano de 1903, um ano após o lançamento de sua obra *Os Sertões*. Nesse ano, reuniram-se 59 epístolas endereçadas a destinatários diversos, inclusive Machado de Assis e o Barão do Rio Branco. Essas cartas foram enviadas predominantemente da cidade de Lorena, local onde Euclides morou provisoriamente por motivos de trabalho, mas também há cartas enviadas do Rio de Janeiro, São Paulo e São Carlos dos Pinhais e tratam de assuntos familiares, profissionais e acadêmicos.

Em relação à estrutura do capítulo, ele será iniciado com uma breve apresentação do autor, da problemática proposta e da caracterização dos documentos escritos por ele, englobando época e discurso utilizado que serão relacionados com a problemática estabelecida. Posteriormente, iniciar-se-á a análise das epístolas, destacando-se aspectos morfossintáticos pertinentes para, ao final, destacarem-se as marcas do estilo do autor na composição de suas cartas.

4.1- EUCLIDES DA CUNHA (1866 – 1909)

Órfão de pais desde os 4 anos de idade, foi educado pelas tias na Bahia. Frequentou conceituados colégios fluminenses e, quando precisou prosseguir seus estudos, ingressou na Escola Politécnica e, um ano depois, na Escola Militar da Praia Vermelha.

Contagiado pelo ardor republicano dos cadetes e de Benjamin Constant, professor da Escola Militar, durante uma revista às tropas atirou sua espada aos pés do Ministro da Guerra Tomás Coelho. A liderança da Escola tentou atribuir

o ato à "fadiga por excesso de estudo", mas Euclides negou-se a aceitar esse veredito e reiterou suas convicções republicanas.

Proclamada a República, foi reintegrado ao Exército recebendo promoção. Ingressou na Escola Superior de Guerra e conseguiu ser primeiro-tenente e bacharel em Matemáticas, Ciências Físicas e Naturais. Casou-se com Ana Emília Ribeiro, filha do major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, um dos líderes da Proclamação da República. Em 1891, deixou a Escola de Guerra e foi designado coadjuvante de ensino na Escola Militar.

Visando a uma vida mais estável, o que se mostrava impossível na carreira de engenheiro, Euclides prestou concurso no ano de 1909 para assumir a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II. O filósofo Farias Brito foi o primeiro colocado, mas a lei previa que o presidente da república escolhesse o catedrático entre os dois primeiros. Graças à intercessão de amigos, Euclides foi nomeado. Depois de sua morte, no mesmo ano do concurso prestado e ocasionada pelo duelo travado entre ele e o amante de sua esposa, Dilermando de Assis, Farias Brito ocupou a cátedra em questão. A morte de Euclides da Cunha foi sentida por todos os intelectuais da época, não só pelo respeito que todos tinham por ele e pela forma como foi ocasionada, mas também porque ele muito tinha a contribuir com as áreas do conhecimento.

4.2- PROBLEMÁTICA PROPOSTA

Euclides da Cunha deixou vários escritos, entre eles, epístolas que foram reunidas postumamente em uma coletânea por Walnice Nogueira e Oswaldo Galotti, conforme já mencionado na introdução desse capítulo. Conforme já destacado, Euclides da Cunha exerceu várias funções - entre elas, a de jornalista - e estudou, entre outras áreas do conhecimento, retórica. O contato com a

retórica e o exercício da função de jornalista, entre outros fatores, podem ter ajudado Euclides da Cunha a desenvolver um estilo que possibilitou o seu reconhecimento como escritor. Visto isso, podemos estabelecer como problemática a verificação das marcas de estilo do autor presentes em seus textos, no caso, em suas escritas epistolares.

4.3- CARACTERIZAÇÃO DAS EPISTOLAS EUCLIDIANAS

A correspondência euclidiana soma um total de 398 documentos coletados e estão reunidos cartas, bilhetes, cartões de visita e postais endereçadas a diversos remetentes.

Alguns desses documentos não apresentam data precisa ou local de fácil identificação. Isso é devido ao desgaste em que tais documentos se encontram. Outras foram encontradas fragmentadas sem qualquer dado – data, remetente, local ou precisão de assunto – e, por isso, não foram incluídas junto aos outros documentos selecionados com fim de evitar conclusões imprecisas quanto ao assunto portado.

Dos documentos selecionados, a primeira está endereçada ao pai e foi escrita em 14 de junho de 1890; já a última está datada de 12 de agosto de 1909, três dias antes de sua morte, e foi endereçada a Otaviano Vieira, cunhado de Euclides e marido de sua irmã Adélia. Seu conteúdo foca a saúde debilitada do pai e a decisão de trazê-lo para morar com ele. Também fala da sua condição de saúde

frágil, mas otimista conforme o seguinte trecho: “Felizmente me sinto cada dia melhor e penso que em menos de um mês terei readquirido a robustez antiga” (GALVÃO, 1997, p.425-426). Três dias após escrevê-la, ocorre a tragédia que culminou em sua morte.

A maior concentração de escritos se deu no ano de 1904, no qual foram documentadas 68 epístolas. Isso dá uma média de 5 a 6 epístolas escritas ao mês. Esse número de escritos pode estar relacionado ao fato da mudança para Santos a serviço e, com isso, a impossibilidade de se deslocar para outras localidades a fim de resolver seus compromissos pessoalmente. A alternativa foi a escrita das cartas.

Como mencionado, as cartas euclidianas foram escritas no final do século XIX e começo do século XX. Essa fase transitória entre um século e outro foi uma fase de muitos acontecimentos no Brasil. No campo lingüístico, surgia a lingüística como ciência, colaborando com o ressurgimento da estilística também. Literariamente, os estilos de época romântico, parnasiano, realista, naturalista e simbolista passaram a existir mutuamente, porém cada um a buscar seu predomínio no campo literário.

Euclides da Cunha viveu nesse momento e recebeu as influências dessas escolas literárias. Situar as cartas do autor em uma ou outra seria mais um critério didático e descaracterizaria as influências conjuntas recebidas.

Os conteúdos são diversos: acertos profissionais, acadêmicos e familiares. A estrutura de suas cartas segue o modelo tradicional: há a menção de localidade e data, uma saudação, a menção do assunto tratado e uma despedida. Esses aspectos podem caracterizar a unidade textual com o gênero analisado; além da presença tipológica da narrativa e nela, a utilização do discurso direto. Há

também a presença de figuras de linguagem, do registro formal, da utilização de recursos coesivos, entre outros elementos.

Dentre os diversos recursos utilizados cabe identificar aqueles que podem ser considerados como marcas de estilo do escritor. Para isso, partimos para a investigação dos escritos epistolares euclidianos e assim proceder à análise propriamente dita.

4.4- ANÁLISE ESTILÍSTICA DAS EPISTOLAS EUCLIDIANAS

Antes de iniciar o levantamento dos fatos estilísticos presentes nos textos, cabe destacar algumas orientações referentes às citações.

As cartas selecionadas na coletânea encontram-se numeradas na parte superior da página. Indicamos as cartas utilizando o número indicado e o número da página em que se encontra o documento. Nos trechos utilizados como exemplos, além dessas informações, constaram as indicações da linha para a localização rápida e precisa no documento integral. Além disso, o mesmo exemplo pode ser utilizado para exemplificar uma, duas ou mais marcas de estilo na análise.

A morfossintaxe articula essa análise, especificamente os elementos linguísticos que indicam escolhas no campo lexical e no campo sintático. No lexical, foram investigados as escolhas vocabulares e os efeitos estilísticos causados por tais usos. No sintático, as investigações focaram os aspectos coesivos utilizados nas cartas. A investigação desses elementos estabeleceu as marcas de estilo morfossintáticas de Euclides da Cunha.

Esclarecido tais pontos, iniciamos a análise abordando a unidade textual – caracterizando o gênero escolhido, posteriormente abordamos a progressão

textual – destacando como ela foi construída e, por fim, realizamos a análise dos documentos.

4.4.1- UNIDADE TEXTUAL

Ao tratar da unidade textual dos textos explorados, temos de levar em conta a diversidade de temas, funções e tipos textuais, entre outros aspectos, que cada um possui. Cada tema tem uma função específica e uma tipologia utilizada para a estruturação desse tema no texto criado. Essa característica é típica do gênero epistolar: a mobilidade temática e estrutural para atender a uma determinada função.

Tomemos como exemplo a carta nº 126, endereçada à Machado de Assis, escritor e então presidente da Academia Brasileira de Letras, e escrita em 21 de junho de 1903:

“Lorena, 21 de junho de 1903

Exmo. Sr. Machado de Assis

Tenho a honra de solicitar a V. Exa. a minha inclusão entre os candidatos à vaga existente na Academia de Letras. Certo de uma Aquiescência, que por si valerá para mim como o melhor dos títulos, subscrevo-me com a mais elevada consideração.

De V. Exa. – crº. mº. atº e admº.

Euclides da Cunha” (GALVÃO, 1997, p.169).

Na carta acima, temos os seguintes elementos caracterizadores de sua unidade textual:

A- GÊNERO EPÍSTOLAR: comprova-se pela sua indicação de local e data, pela indicação do remetente, por conter um assunto – mesmo que curto – e por identificar o escritor do texto;

B- TEMA: solicitação de inscrição para concorrer a uma vaga na Academia;

C- ESTRUTURA TIPOLÓGICA: para o tema proposto foi utilizado o tipo argumentativo;

D- FUNÇÃO: obter a adesão do interlocutor.

Tomemos outro exemplo. A pequena carta nº 134, endereçada a Raul Pederneiras, caricaturista dos principais periódicos da época, e escrita em julho de 1903:

“Rio, ?, julho de 1903

Luar ⁷

Manda-me, pelo palafreireiro, portador deste retângulo, o original da minha fealdade favorecida pelo teu lápis zenital.

Euclides” (GALVÃO, 1997, p.173).

Nessa pequena carta acima, temos os seguintes elementos caracterizadores de sua unidade textual:

A- GÊNERO EPÍSTOLAR: comprova-se pela sua indicação de local e data, pela indicação do remetente, por conter um assunto – mesmo que curto – e por identificar o escritor do texto;

B- TEMA: pedido de entrega de um objeto;

C- ESTRUTURA TIPOLÓGICA: para o tipo de tema foi utilizada a sequência injuntiva;

D- FUNÇÃO: desencadear uma ação no interlocutor.

⁷ Pseudônimo de Raul Pederneiras.

Temos, nos dois casos, um gênero que mantém uma unidade por meio dos elementos indicados no item A; e esse mesmo gênero estabelece uma unidade textual por meio dos temas, das estruturas tipológicas e das suas funções.

Assim, é constituída a unidade textual nos textos apresentados. Nessa unidade, há elementos que permitem a progressão do texto, assunto do próximo tópico.

4.4.2- PROGRESSÃO TEXTUAL

A progressão textual é o processo pelo qual o texto se desenvolve, com a introdução de informação nova, ligada à informação que já é do conhecimento do leitor ou que lhe é fornecida no próprio texto. Num texto não pode haver apenas repetição de ideias. Nele tem de haver repetição e continuidade, retomada dos seus elementos conceptuais e formais, apresentando novas informações a propósito dos elementos retomados: é este segundo aspecto que faz com que o texto progrida.

Ao ler as cartas de Euclides da Cunha, percebe-se que há clareza em suas construções textuais. Para justificar essa organização, basta focar o gênero analisado – o epistolar – e destacar as marcas de progressão que são características desse gênero.

Observe esses aspectos nas cartas a seguir:

- Carta de nº 144 endereçada ao pai.

“Lorena, 22 de setembro de 1903

Meu Pai

Desejo que esta o encontre bem de saúde.

Apresso-me em comunicar-lhe que fui eleito ontem para a Academia de Letras – para a cadeira do seu grande patrício, Castro Alves. Assim, o desvio que abri nesta minha engenharia obscura, alongou-se mais do que eu julgava. É ao menos um consolo nestes tempos de filhotismo absoluto, verdadeira idade de ouro dos medíocres. Tive eleitores como Rio Branco e Machado de Assis. Mas não tenho vaidades: tudo isto revela a boa linha reta que o sr. me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nela. Mande sempre notícias.

Filho e am^o.

Euclides” (GALVÃO, 1997, p.181).

A epístola inicia com o fornecimento de uma informação nova, no caso, a vitória na eleição à vaga na Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, o autor comenta que a nova atividade é como um alongamento de seus trabalhos. Retoma o tema inicial com uma informação nova destacando alguns eleitores e, por fim, agradece a vitória ao pai por ter-lhe ensinado a boa linha reta – dado que não está esclarecido na carta, mas que pode ser entendido como a persistência para o indivíduo alcançar seus objetivos - desde pequeno e despediu-se.

Nesse exemplo, a progressão textual foi composta em torno da informação nova, pois não foi retomada nenhuma informação e que os interlocutores tivessem tratado em algum contato anterior. A compreensão só foi possível, pois já era do conhecimento do destinatário a candidatura do remetente a uma vaga na Academia.

- Carta n^o 157 endereçada a Coelho Neto.

“Lorena, 22 de novembro de 1903

Coelho Neto

Cheguei hoje do Rio onde tomei revolucionariamente posse do meu lugar no Instituto Histórico. Os jornais limitaram-se a transcrever a resposta do conselheiro Corrêa que pronunciou o seu 10 008º discurso. Não transcreveram o meu; não podiam arquivá-lo tão a fundo, tão de frente, embora sob um aspecto geral, eu feri o presente abominável em que estamos. Sem vaidade – tive, por alguns momentos, em torno de mim, a simpatia tocante de alguns trêmulos velhinhos, e aqueles minutos irão consolar a minha vida inteira...

Depois conversaremos: em dezembro (em princípio) irei visitar meu velho, e passarei aí para te abraçar.

Então... eu não creio em Deus?! Quem te disse isto? Puseste-me na mesma roda dos singulares infelizes, que usam do ateísmo como usam de gravatas – por *chic*, e para se darem ares de sábios... Não. Rezo, sem palavras, no meu grande panteísmo, na perpétua adoração das coisas; e na minha miserabilíssima e falha ciência sei, positivamente, *que há alguma coisa que eu não sei...* Aí está neste bastardinho (e é a primeira vez, depois da aula primária, que o escrevo) a minha profissão de fé. Há de adivinhá-lo o teu valente coração. Se existir o teu céu, meu brilhante amigo, - para lá irei direitinho, num vôo, num largo vôo retilíneo desta alma aquilina e santa – com assombro de não sei quantos rezadores, cujas asinhas de bacurau servem para os voejos, na penumbra do Purgatório. E serás o meu companheiro de jornada, porque é na nossa superenergização, e é no nosso idealismo sem fadigas, e é na nossa perpétua ânsia do belo, que eu adivinho e sinto *o que não sei*. Singularíssimo ateu...

Mas não quero tomar-te mais tempo. Até breve. Recomendações e abraços do

Euclides” (GALVÃO,1997 p.190-191)

Nessa carta, a progressão textual se deu por meio de dois assuntos novos. O primeiro trata do seu aborrecimento em virtude dos jornais da época não terem transcrito seu discurso pronunciado no Instituto Histórico. O autor detalha como se sente em relação ao ocorrido e posteriormente encerra o assunto para iniciar outro.

O segundo assunto aborda o julgamento feito pelo destinatário em relação a sua crença em Deus. A partir desse momento, Euclides da Cunha desenvolve a informação utilizando-se de recursos argumentativos para convencer seu interlocutor de sua opinião errada. Por fim, realiza a despedida.

Entre o término da primeira informação e o início da segunda, há a utilização de elementos coesivos referenciais. Para encerrar o primeiro assunto, o autor utiliza a expressão “Depois conversaremos” que é composta por um advérbio de tempo exercendo a função de adjunto adverbial de tempo do verbo “conversaremos”. Semanticamente, entende-se que o assunto tratado encerrou-se para possivelmente tratar-se de outro. O elemento coesivo “depois” estabelece essa relação.

O segundo assunto é iniciado pelo elemento coesivo “então”, nesse caso com a função de introduzir a nova informação e dar continuidade ao texto. É denominado, segundo o professor Celso Cunha, como uma palavra denotativa situacional. Do ponto de vista da Linguística do discurso, embora a carta seja um texto escrito, por ser pessoal, ela traz marcas da oralidade, como o uso do “então”. Ele é um marcador conversacional (KOCK, 1992, p.106) que indica o início de um novo tópico no texto.

- Carta nº 158, endereçada a Francisco de Escobar.

“Lorena, 27 de novembro de 1903

Escobar

Somente hoje, ao voltar de uma penosa viagem (sempre uma penosa viagem!) posso responder a tua carta de 19 em que me dás notícia do novo filho, o João, que poderá ser tudo – Tenório, Sem Terra, Huss, de Deus, Valjean, VI ou V, Batista ou Fernandes – mas nunca Bocó, como pecaminosamente o disseste, caluniando-me, por antecipação erradíssima, o rapaz. Nunca!

E que a velhice (tão acelerada anda-me ela agora em que há tanto velho trêfego neste país!) me permita um dia vê-lo, copiando, nesta vida, a marcha diretíssima do pai.

Já leste no fornal de 26 o meu discurso no Instituto. Discurso, não; um desabafo. Leste a lista dos que lá estavam: era o – Brasil, o Brasil Velho e Bom.

Que felicidade, meu amigo!

Não te rias: tive os olhos empanados de lágrimas quando, finda a sessão, aquelas mãozinhas trêmulas e mirradas se agarraram, num agradecimento mudo, à minha mão nervosa... Tu não calculas como me senti bem, ali, no meio daquela gente, que não distribui empregos; e como avaliei bem o vigor desta minha belíssima alma sonhadora, tão desprendida das infinitas esquíro-las e da poeirada de coisinhas interesseiras que deslumbram tanta gente.

Depois conversaremos.

No dia 3 seguirei para S. Paulo. Encontro-te lá? Em tal caso previna-me com antecedência.

Lembranças aos teus; e recebe um abraço (do qual darás a metade ao nosso João) do am^o. velho

Euclides da Cunha” (GALVÃO, 1997, p.191-192)

O tema dessa carta foi desenvolvido por meio de três informações. A primeira retoma um assunto tratado em uma carta anterior, com a função de expressar

uma opinião contrária a um comentário realizado. A segunda e a terceira são informações novas, tratadas em momentos distintos dentro do texto.

O início e o fim de cada uma no texto são marcados por elementos coesivos. A primeira informação possui dois parágrafos. O primeiro a introduz e o segundo a encerra. No início do segundo parágrafo, tem-se a conjunção aditiva “E” com a função de ligar e limitar o tema a esses dois parágrafos.

No terceiro parágrafo, temos a primeira informação nova que é introduzida pelo advérbio de tempo “JÁ” com a função de adjunto adverbial de tempo. O tema dessa informação é a avaliação do autor de seu discurso publicado no jornal, que teve como auditório o “Brasil Velho e Bom”. A partir daí, o autor trata da felicidade dessa publicação. Essa informação é encerrada no sexto parágrafo que é composto unicamente pela expressão “Depois conversaremos”.

No sétimo parágrafo, temos a segunda informação nova resumida: a possibilidade de um encontro com o velho amigo em São Paulo em virtude da viagem. Ela tem a função de “lembrete” por isso é curta. Nos outros parágrafos, encontram-se as despedidas.

As três cartas analisadas possibilitaram descrever o processo de desenvolvimento temático. Percebeu-se que esses textos, pelo seu repertório coloquial, são conversas entre os interlocutores, por meio das quais o autor deseja estabelecer uma determinada comunicação para trocar informações. Essas informações que garantem a progressão do tema podem ser novas ou não. Quando não, podem já ter sido tratadas pelos interlocutores não necessariamente por meio de outras cartas. Quando retomadas, na mesma carta ou não, há uma continuidade do assunto até que não se tenham mais dúvidas.

Assim, consegue-se a progressão textual: com os acréscimos semânticos a propósito dos elementos retomados, com o acréscimo de comentários (informação nova sobre algo ou alguém) a um tópico (informação dada: o assunto, a pessoa, a coisa) ou a transformação de comentários em novos tópicos.

4.4.3- PROCEDIMENTOS DE ESCRITURA

Nesse ponto, analisaremos apenas duas categorias que são: o nível lexical e o nível sintático para enfim se chegar às marcas de estilo morfossintáticas de Euclides da Cunha.

O primeiro ponto foca o campo lexical. Nele, verificamos algumas relações entre palavras utilizadas e suas contribuições para a formação do sentido textual. O segundo aborda o sintático. Nele, verificamos a organização da frase, a ordem dos termos na frase e outros pontos pertinentes para a construção do sentido.

Vimos que o gênero epistolar possui uma estrutura padrão: há a sinalização do local e data, posteriormente se passa para a saudação, em seguida ao assunto a ser tratado e, por fim, é elaborada a despedida. Na saudação, percebeu-se que o autor, em grande parte das cartas, faz uso de um vocativo com carga afetiva. Referente a esse uso, Nilce San'tanna diz que essa carga “revela o sentimento do falante em relação ao interlocutor, podendo assumir tonalidades várias, que vão da ternura à rispidez” (MARTINS, 1989, P.215).

O vocativo utilizado nas cartas de Euclides da Cunha vem sempre acompanhado de um adjetivo que solidifica a afetividade que ele deseja expressar, caracteriza e qualifica o destinatário da epístola.

A afetividade é possível em virtude da anteposição do adjetivo em relação ao substantivo. A esse respeito, o professor Manuel Rodrigues Lapa destaca que “quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, intelectual; quando está antes, tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva” (LAPA, 1998, p.127).

Adiante, estão relacionados alguns exemplos dessas construções nas cartas pesquisadas.

- Carta nº 102 endereçada a Gustavo Massow, gerente da casa editora Laemmert & Cia que publicou *Os Sertões*, escrita em 6 de janeiro de 1903:

“Amº sr. Gustavo Massow” (GALVÃO, 1997, p.145);

- Carta nº 103 endereçada ao Doutor Luís Cruls, geógrafo amigo de Euclides, escrita em 17 de fevereiro de 1903:

“Meu ilustre mestre e amº. Dr. Cruls.” (GALVÃO, 1997, p.147);

- Carta nº 110 endereçada a João Alfredo Batista Borba e escrita em 1 de março de 1903:

“Meu caro Borba” (GALVÃO, 1997, p.152);

- Carta nº 117 endereçada a Manuel Francisco Martim Ribeiro de Andrade, senador da primeira constituinte republicana, escrita em 5 de abril de 1903:

“Amigo Martin Francisco” (GALVÃO, 1997, p.160);

- Carta nº 119 endereçada a Egas Moniz Barreto de Aragão, conhecido sob o pseudônimo literário *Pethion de Villar*, foi médico e escritor baiano, com quem Euclides travou relações em Salvador onde esteve a caminho de Canudos. A carta foi escrita em 28 de abril de 1903:

“Meu grande amº dr. Egas Moniz” (GALVÃO, 1997, p. 162);

- Carta nº 122 endereçada a Manuel Rodrigues da Cunha, pai de Euclides, escrita em 12 de junho de 1903:

“Meu Pai” (GALVÃO, 1997, p. 165);

- Carta nº 124 endereçada a Max Fleiuss, Historiador, secretário do Instituto Histórico e Geográfico, diretor da revista *A Semana*, escrita em 18 de junho de 1903:

“Meu caro Max Fleiuss” (GALVÃO, 1997, p. 167);

- Carta nº 150 endereçada a Joaquim Nabuco, escritor e autor de *Um Estadista do Império* e *Minha Formação*, escrita em 18 de outubro de 1903:

“Meu venerado compatriota J. Nabuco, ...” (GALVÃO, 1997, p. 150).

Do ponto de vista estruturalista, esses vocativos são formados por sintagmas nominais. Ao analisar os três primeiros exemplos, observamos:

- Em “amº sr. Gustavo Massow”, temos o substantivo próprio *Gustavo Massow*, o adjetivo *amigo* caracterizado pela vogal temática –o e pelo morfema flexional zero que caracteriza a ausência de marca específica de gênero e pelo pronome substantivado *senhor* atemático.

- Em “Meu ilustre mestre e amº. Dr. Cruls”, temos o pronome possessivo *meu*, o adjetivo *ilustre* caracterizado por ser um morfema flexional latente, o substantivo *mestre* com vogal temática –e, o morfema relacional *e*, o adjetivo

amigo também caracterizado pela vogal temática –o e pelo morfema flexional zero, pelo substantivo *doutor* atemático e caracterizado pelo morfema flexional zero, e, por fim, o substantivo próprio *Cruls*.

- Em “Meu caro Borba”, temos o pronome possessivo *meu*, o adjetivo *caro* caracterizado pela vogal temático –o e pela alomorfa zero, e o substantivo próprio *Borba*.

Esses elementos pertencentes à estrutura – vogal temática, às marcas de gênero e número, entre outros – caracterizam o léxico escolhido e possibilitam adequá-lo à estrutura do enunciado.

Pela linguística textual, a estruturação desses enunciados introduz o interlocutor com quem o autor da carta dialogará, um ponto importante na construção do sentido ao realizar a leitura de cartas.

Retomando à estrutura dos vocativos escritos por Euclides da Cunha em suas cartas, grande parte deles tem adjetivos acompanhados pelo pronome possessivo *meu*. Somente a carta endereçada ao pai foi que teve seu vocativo acompanhado unicamente por esse pronome, sem a presença de outros caracterizadores. Esse uso não descaracteriza o fato desse pronome possuir carga afetiva, uma vez que ele não indica posse, mas sim a afetividade do locutor em relação ao seu genitor.

Todos esses pronomes “meu” utilizados nas cartas também assumem outras significações. Segundo o professor Rodrigues Lapa, o uso desse pronome

pode denotar familiaridade e um certo sentimento de superioridade. [...] Quando diz *meu*, o possessivo na 1ª pessoa acentua a importância do sujeito, que consente descer a uma atitude de familiaridade. Na 3ª pessoa pode assumir valor idêntico e exprimir a ufania da propriedade condescendente...

(LAPA, 1998, p.148)

Nas cartas de Euclides da Cunha, percebe-se a acentuação da importância dada aos destinatários e a aproximação familiar dada a eles expressa pelo uso desse pronome nos vocativos destacados. Isso porque há uma intenção do escritor em demonstrar essa aproximação quando ele utiliza esse elemento lexical. O professor Pierre Guiraud (1970, p.164) destaca que as escolhas dos meios de expressão são determinadas pela intenção de quem as escreve.

Como apontado anteriormente, os vocativos utilizados nas cartas de Euclides da Cunha podem ser possuidores dessa carga afetiva, talvez, em decorrência de estarem acompanhados por um adjetivo. Em relação ao uso do adjetivo, percebe-se que as cartas de Euclides da Cunha contêm, de maneira diversa, tal classe gramatical em formas variadas e em funções diferentes.

No corpo do assunto, os adjetivos vão contribuindo para a construção do sentido textual nas missivas euclidianas, tendo a função de caracterizar os temas tratados. Eles vêm tanto antepostos quanto pospostos ao elemento caracterizado. Gramaticalmente essa mobilidade é indiferente, mas estilisticamente há uma diferença entre uma e outra colocação. Primeiramente, destacaremos as colocações realizadas pelo autor e depois trataremos detalhadamente do aspecto posicional do adjetivo.

Como já mencionado, Euclides exerceu a função de engenheiro e mostrava sua insatisfação com a profissão por vários motivos. Tal insatisfação pode ser reconhecida por meio dos adjetivos utilizados. Abaixo seguem alguns exemplos utilizados pelo autor:

- Trecho da carta nº 106, linhas 4 e 5, endereçada ao pai e escrita em 19 de fevereiro de 1903:

“..., continuando eu com a minha engenharia precipitada, às voltas sempre com uma quantidade de trabalho que não diminui nunca.” (GALVÃO, 1997, p.148);

- Trecho da carta nº 108, linhas 18 e 19, também endereçada ao pai e escrita em 25 de fevereiro de 1903:

“... E dado esse primeiro movimento, continuarei, se o permitir a engenharia ingrata e trabalhosa.” (GALVÃO, 1997, p.150);

- Trecho da carta nº 114, linhas 13 a 16, endereçada ao Doutor João Ribeiro, escritor e autor de *História do Brasil e Estudos Filológicos*, escrita em 16 de março de 1903:

“E como em má hora, obediente a minhas tendências de nômade, abracei francamente a engenharia ativa, entro a desconfiar que já estejam embotadas as faculdades que acaso possuí para aprender a dominar assuntos de uma ordem mais elevada e ampla.” (GALVÃO, 1997, p.157);

- Trecho da carta nº 115, linhas 13 a 15, endereçada ao Doutor Lúcio de Mendonça, poeta e prosador, autor de *Névoas Matutinas e Esboços e Perfis*, escrita em 22 de março de 1903:

“A minha engenharia rude, engenharia-andante, romanesca e estéril, [...], destrói a continuidade de quaisquer esforços na atividade dispersiva que impõe.” (GALVÃO, 1997, p.158);

- Trecho da carta nº 123, linha 15, endereçada ao doutor José Veríssimo e escrita em 12 de junho de 1903:

“Continuo na minha engenharia fatigada e errante...” (GALVÃO, 1997, p.166);

- Trecho da carta de nº 124, linha 7 e 8, endereçada também a José Veríssimo e escrita em 4 de julho de 1903:

“Peço-lhe, porém, [...] que se recorde da minha situação de engenheiro errante, ...” (GALVÃO, 1997. p. 169);

- Trecho da carta de nº 136, linha 8 e 9, endereçada ao Doutor Afonso Celso Júnior, deputado no Rio de Janeiro, e escrita em 17 de julho de 1903:

“Aceito com verdadeira ufania, na minha rude mão de engenheiro, a mão fidalga e imaculada” (GALVÃO, 1997, p.175);

- Trecho da carta de nº 144, linha 6, endereçada ao pai e escrita em 22 de setembro de 1903:

“..., o desvio que abri nesta minha engenharia obscura, ...” (GALVÃO, 1997, p.181);

- Trecho da carta de nº 155, linha 9 e 10, endereçada a Coelho Neto e escrita em 16 de novembro de 1903:

“Graças à minha rigidez nativa de caboclo, continuo bem nos *steeple-chases* desta profissão errante;...” (GALVÃO, 1997, p. 189).

Do ponto de vista estrutural, os adjetivos são encontrados nas orações, estruturas maiores formadas por sintagmas nominais e verbais, conforme demonstrados nos exemplos anteriores, as quais são encadeadas formando o corpo textual das cartas. Para exemplificar, destacamos os dois primeiros sintagmas, nos quais os adjetivos concordam com os substantivos e são caracterizados pelas seguintes marcas:

- Em *...eu com a minha engenharia precipitada...* (GALVÃO, 1997, p.148), temos o adjetivo *precipitada* concordando em gênero com o substantivo

engenharia por meio do acréscimo do morfema flexional aditivo –a, o que caracteriza o gênero feminino, e em número verificada pela ausência de marca específica – morfema zero -, o que caracteriza o singular.

- Em ...*a engenharia ingrata e trabalhosa*... (GALVÃO, 1997, p.150), temos os adjetivos *ingrata* e *trabalhosa* relacionados mutuamente por meio do morfema relacional *e*. Da mesma forma que o exemplo anterior, esses adjetivos concordam com o substantivo *engenharia* por meio da utilização do morfema flexional aditivo –a em *ingrata* e *trabalhosa* e em número pela ausência de marca específica – morfema zero – o que caracteriza o singular.

Na construção do sentido, o uso dos adjetivos nesses trechos mostra ao leitor o que a engenharia representava para Euclides da Cunha naquele momento da escrita de suas cartas. Eles contribuíam para formar a opinião do autor e situar o leitor em relação a esse tema. Ao ler os trechos que tratam desse tema, percebemos que a engenharia tomava-lhe muito de seu tempo e não o deixava com tempo para outras atividades como, por exemplo, ficar próximo à família, aos amigos, estabilizar-se residencialmente e, principalmente, escrever. Por isso, muitas vezes, ela é denominada como errante, obscura e até estéril.

Nota-se, em todos os casos, que o adjetivo vem postecipado ao elemento caracterizado. Isso caracteriza o uso em seu sentido próprio e intelectual sem a predominância da carga afetiva, conforme citado anteriormente por Rodrigues Lapa.

Também faz menção de tal uso o professor Gladstone e ressalta que o adjetivo “anteposto, indica, em princípio, uma qualidade mais emprestada, mais nascida

da apreciação do sujeito, mais estimativa; posposto, indica uma qualidade indiscutível, inerente, física” (MELO, 1975, P. 207).

Um outro ponto a ser destacado nas cartas de Euclides da Cunha é o uso do adjetivo de uma forma pouco comum atualmente. Ele utiliza o adjetivo em forma flexionada e denominada, segundo a gramática normativa, no grau superlativo absoluto sintético. Nas cartas, esse uso é caracterizado pelo acréscimo do sufixo –íssimo(a) ao adjetivo, mas convêm destacar que, na língua, há outros sufixos e a escolha do uso é dependente do adjetivo que se deseja utilizar. Segundo o professor Rodrigues Lapa, tal uso pode ser justificado pela força intensiva que o usuário deseja imprimir à idéia.

Nas cartas seleccionadas, foram numerados mais de 20 usos de adjetivos nessa forma. Abaixo serão destacados apenas alguns exemplos que serão suficientes para caracterizar a intenção do autor.

- Trecho da carta nº 109, linhas 15 e 16, endereçada ao Doutor Araripe Júnior, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, escrita em 27 de fevereiro de 1903:

“Sou discípulo de Gumplowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico” (GALVÃO, 1997, P.151);

- Trecho da carta nº 113, linha 2, endereçada a Henrique Coelho, juriconsulto, político e escritor do grupo *O Estado de São Paulo*, escrita em 16 de março de 1903:

“A Henrique Coelho, bom e distintíssimo companheiro dos bons tempos saúda,...” (GALVÃO, 1997, p. 156);

- Trechos da carta nº 114, linhas 5 e 25, endereçada ao Doutor João Ribeiro e escrita em 16 de março de 1903:

“Aqui recebi as *Obras Poéticas* de Cláudio Manuel da Costa com a gentilíssima dedicatória...” – linha 5;

“Pensando assim, se eu por uma falsíssima e revoltante modéstia...” – linha 25 – (GALVÃO, 1997, p.157);

- Trecho da carta nº 117, linha 3, endereçada a Manuel Francisco Martim Ribeiro de Andrade e escrita em 5 de abril de 1903:

“Felicidades! Aí vai o Armitage. Obrigadíssimo.” (GALVÃO, 1997, p. 160);

- Trecho da carta nº 145, linha 5, endereçada a Machado de Assis e escrita em 22 de setembro de 1903:

“Creia o meu distintíssimo patricio...” (GALVÃO, 1997, p. 182).

Na vertente estruturalista, esses adjetivos são compostos da seguinte forma:

- Em *...ferocíssimo gênio saxônico...* (GALVÃO, 1997, P.151), temos o adjetivo *ferocíssimo* formado pelo morfema gramatical derivacional *-íssimo* e, contido nesse morfema gramatical, a vogal temática -o, ou seja, o morfema gramatical classificatório nominal, concordando com o substantivo *gênio* em gênero e número pela ausência de uma marca específica de gênero masculino e singular – morfema zero.

- Em *...Henrique Coelho, bom e distintíssimo companheiro dos bons tempos saúda,*... (GALVÃO, 1997, p. 156), temos o adjetivo *distintíssimo* formado pelo morfema gramatical derivacional *-íssimo*, pelo morfema gramatical classificatório nominal -o e pelo morfema zero.

Novamente, esses elementos estruturais possibilitam que a palavra se flexione e adquira novas formas para que sejam utilizadas de acordo com os padrões gramaticais e que contribuam para a formação do sentido textual.

Inclusas no enunciado, o leitor pode perceber a valorização ao termo a que se refere para construir o sentido do enunciado. Ao ler o primeiro exemplo - Sou discípulo de Gumpłowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico (GALVÃO, 1997, P.151) – o leitor pode perceber a avaliação positiva que Euclides da Cunha tem em relação à Gumpłowicz quando diz ser seu discípulo e quando menciona que o autor é possuidor de um gênio ferocíssimo, ou seja, acima do que se espera. Portanto, percebemos, nos trechos destacados, o desejo do escritor em reforçar o que o adjetivo expressa por meio do emprego do superlativo absoluto sintético, talvez, para que o leitor realmente percebesse a grandeza de tais palavras.

As epístolas euclidianas possuem várias menções de adjetivos que, como foi visto, têm a função principal de caracterizar determinados temas e aspectos tratados nas missivas. Outros usos poderiam ser destacados, mas acreditamos que o objetivo de justificar o uso dos adjetivos nas cartas tenha sido alcançado.

Saindo dos adjetivos, entramos em um outro ponto lexical que é marcadamente usado nas missivas euclidianas: as formas de tratamento. Ao se lerem as epístolas de Euclides da Cunha, nota-se o uso de algumas formas de tratamento entre elas excelentíssimo, senhor, doutor e amigo. Elas se encontram tanto acompanhando o nome do destinatário no início das cartas, quanto no decorrer do assunto ou até na despedida.

A professora Nilce Sant'anna afirma que “as diferentes formas de tratamento correspondem a diferentes graus de intimidade / distância e níveis de hierarquia social” (MARTINS, 1989, p. 212).

Na construção do enunciado, esses pontos destacados pela professora Nilce Santana são importantes, pois o uso dessas formas de tratamento remete o leitor à afetividade entre o remetente e o destinatário, além de sinalizar o nível social e profissional que o destinatário das cartas é possuidor. Eles também chamam a atenção do interlocutor para o tema escrito.

Encontramos, então, nas correspondências de Euclides da Cunha o uso realizado desses pronomes de acordo com a afirmação da professora Nilce Sant'anna. O pronome de tratamento “excelentíssimo” é utilizado em correspondências que tratam de assuntos formais e com as pessoas que representam altas autoridades como, por exemplo, Machado de Assis. Já as formas “senhor”, “doutor” e “amigo” são utilizadas mescladamente com as pessoas do círculo de amigos e parentes de Euclides da Cunha.

Muitas vezes, elas são usadas conjuntamente para a mesma pessoa. Esse uso pode ter como objetivo encurtar a distancia formal entre remetente e destinatário. Abaixo seguem alguns exemplos do uso dessas formas de tratamento.

- Trecho da carta nº 107, linha 2, endereçada a Luiz Cruls e escrita em 20 de fevereiro de 1903:

“amigo doutor Cruls” (GALVÃO, 1997, p.149);

- Trecho da carta nº 119, linha 2 e 3, endereçada a Egas Moniz e escrita em 28 de abril de 1903:

“meu grande amigo doutor Egas Moniz. Saúdo-o, desejando-lhe felicidades e a toda a Exma. Família” (GALVÃO, 1997, p.162);

- Trecho da carta nº 121, linha 3, endereçada a Max Fleiuss, diretor da revista *A Semana*, e escrita em junho de 1903:

“enviei hoje ao Exmo sr. Comdor. Raffard a resposta ao seu ofício...” (GALVÃO, 1997, p.164);

- Trecho da carta nº 133, linha 2, endereçada a Salvador de Mendonça, jornalista e ministro em Washington e Londres, e escrita em 10 de julho de 1903:

“Exmo. Sr. Dr. Salvador de Mendonça” (GALVÃO, 1997, p.173);

- Trecho da carta nº 148, linhas 2 e 3, endereçada a Rodrigo Otávio, secretário e membro da Academia Brasileira de Letras, e escrita em 10 de outubro de 1903:

“Exmo. Sr. Dr. Rodrigo Otávio, dmo. 1º Secretário da Academia Brasileira de Letras. – Agradecendo a V. Exa. a honrosa...” (GALVÃO, 1997, p. 183).

Estruturalmente, os pronomes de tratamento são encontrados nos sintagmas nominais e verbais, conforme os exemplos acima e sua estrutura é determinada pelo elemento a quem se refere. Para exemplificação, destacamos o segundo exemplo:

- *...meu grande amigo doutor Egas Moniz...* Na carta, o trecho trata-se de um sintagma nominal, e o substantivo *doutor* concorda com o substantivo próprio *Egas Moniz* em gênero e número. A palavra *doutor* é caracterizada pela ausência de marca específica de gênero e número – morfema zero.

Outro ponto a ser destacado em relação ao uso pronominal nas cartas de Euclides da Cunha é a utilização da 2ª pessoa do singular (tu) na construção

textual das epístolas euclidianas. Atualmente tanto a 2ª pessoa do singular (tu), quanto a 2ª pessoa do plural (vós) encontram-se em desuso, porém o “tu” ainda é utilizado em algumas regiões do sul do Brasil.

A esse respeito, a professora Nilce Sant’anna diz que

a forma vós até o século XVIII era usada em alternância com tu, com valor singular denotando respeito, pouca intimidade. Atualmente esse tratamento só se preserva em alguns poemas com certo requinte aristocrático ou com tonalidade irônica e em textos religiosos de longa tradição.

(SANT’ANNA, 1989, P.212).

No século XX, o uso passou a ser alternado com a 3ª pessoa do singular (ele/você). O professor Rodrigues Lapa afirma que esse uso demonstra certo conhecimento ou familiaridade entre os interlocutores. Embora tenha sido deixado de ser utilizado na língua, a 2ª pessoa predomina nas escritas de Euclides da Cunha. Abaixo seguem alguns exemplos.

- Trecho da carta nº 103, linhas 17, 28, 29, 30 e 31, endereçada a Francisco de Escobar e escrita em 26 de janeiro de 1903:

“Continuas no refúgio da fazenda, [...] Quando vens a São Paulo? [...] Se tiveres de ir em princípios de fevereiro, dias 6 ou 7, - lá me encontrarás” (GALVÃO, 1997, p.146);

- Trecho da carta nº 140, linhas 3 a 5, também endereçada a Francisco de Escobar e escrita em 22 de agosto de 1903:

“A tua carta de ontem deixou-me triste. Vejo-te desalentado – como se fosses um velho, melancólica palavra que não devias ter escrito – porque afinal és tudo menos um decadente ao qual se aplique o termo” (GALVÃO, 1997, p. 177).

Na construção do enunciado, esse pronome estabelece a coesão referencial. Conforme destacado no subcapítulo 2.2.2, a coesão referencial é aquela em que

um componente da superfície do texto faz remissão a outro nela presente ou inferível a partir do universo textual (KOCK, 2009, p.31). Os usos realizados pelo escritor do pronome “tu” atendem a essa estruturação enunciativa conforme os exemplos abaixo:

- Em “Continuas no refúgio da fazenda, [...] Quando vens a São Paulo? [...] Se tiveres de ir em princípios de fevereiro, dias 6 ou 7, - lá me encontrarás” (GALVÃO, 1997, p.146), temos o primeiro tu expresso de forma desinencial no verbo atenção do interlocutor para o tema escrito, assim como o restante. A carta foi escrita para Francisco Escobar. O nome do remetente encontra-se no início da carta na saudação. A substituição do nome pelo pronome, além de estabelecer a remissão do interlocutor, faz com que o texto utilize a recorrência frástica sem a repetição do mesmo elemento lexical recorrente.

Outro ponto lexical também a ser considerado nas missivas de Euclides da Cunha é o uso dos advérbios terminados com o sufixo *-mente*. Segundo a gramática normativa, os advérbios são palavras que modificam o sentido do nome, do verbo e do próprio advérbio, indicando circunstâncias. Por isso recebem uma série de classificações. Os que utilizam o sufixo *-mente* são classificados como advérbios de modo, e como o próprio nome diz, expressam circunstâncias de modo em relação aos termos a que se referem.

Nota-se o uso de tais palavras em várias cartas escritas por Euclides da Cunha. Segundo o professor Rodrigues Lapa, o advérbio era “predileção da época do realismo” (LAPA, 1998, p.222). Sendo Euclides da Cunha um escritor da época citada, talvez esse e outros motivos possam justificar sua preferência por esse uso.

Adiante, destacaremos alguns usos para posteriormente realizar a análise.

- Trecho da carta nº 108, linhas 8 a 12, endereçada ao pai e escrita em 25 de fevereiro de 1903:

“O que sobretudo me satisfaz é o lucro de ordem moral obtido: a opinião nacional inteira que, pelos seus melhores filhos, está **inteiramente** do meu lado. Cito, por exemplo, a opinião de um homem que é **naturalmente** o mais antipático a tudo quanto possa haver de republicano no Brasil, o visconde de Ouro Preto.” (GALVÃO, 1997, p. 150)

O trecho acima foi retirado de uma carta que trata da editoração de *Os Sertões* e da aceitação da obra pelos intelectuais. Vimos, nesse trecho, dois usos de advérbios: o primeiro – inteiramente - está localizado entre o verbo significativo intransitivo “estar” e do adjunto adverbial de lugar “do meu lado”. Já o segundo – naturalmente – está localizado entre o verbo “ser” e o predicativo do sujeito “o mais antipático”.

Do ponto de vista da Linguística textual, os advérbios são tratados como indicadores modais ou índices de modalidade e também são importantes na construção do sentido (KOCK, 2007, p.50), além de serem considerados como indicadores atitudinais, índices de avaliação e de domínio. Os indicadores atitudinais transmitem o estado psicológico do autor diante da mensagem que produz – tristemente soube da notícia, por exemplo. Os indicadores avaliativos destacam uma valorização de um fato expresso para um interlocutor – ele está tranquilamente preparado para a prova, por exemplo. Por fim, os indicadores de domínio delimitam o domínio dentro do enunciado – linguisticamente, não podemos tratar essa questão, por exemplo.

Os elementos lexicais “inteiramente” e “naturalmente”, pertencentes ao trecho utilizado para exemplificação, podem ser considerados como indicadores avaliativos, uma vez que expressam a avaliação de um fato em relação ao seu

referente. Euclides da Cunha avalia positivamente a adesão da totalidade da opinião pública a seu favor, inclusive a de Visconde de Ouro Preto, embora ele seja “naturalmente” antipático à república.

O advérbio é uma palavra que não possui um lugar fixo na oração. Sua posição na frase dependerá da intenção de uso de quem escreve. Nessa posição, o advérbio “inteiramente” está focando o conteúdo do predicado, ou seja, é total, completa e única a opinião em relação ao assunto tratado. Já o advérbio “naturalmente” está focando uma característica do termo “homem” e não a mensagem transmitida pelo predicado.

Percebe-se então que sendo uma palavra móvel, sua posição será estabelecida de acordo com o termo que se deseja enfatizar.

A professora Nilce Sant’anna, em relação a tal intenção, destaca que

de um modo geral, o advérbio apresenta grande liberdade de colocação, e essa liberdade aumenta se o advérbio se refere a toda frase, indicando o julgamento do falante a respeito de um fato que se enuncia.

(MARTINS, 1989, p.167).

Vejamos um outro exemplo. Na carta abaixo, há oito usos dos advérbios de modo, que, pela lingüística textual, podem contribuir para a interpretação da informação escrita. Eles serão resgatados por trechos para facilitar a análise de cada ocorrência.

- Trechos da carta de nº 150 endereçada a Joaquim Nabuco e escrita em 18 de outubro de 1903:

1º trecho (linhas 3, 4 e 5): “..., sobredoirando o valiosíssimo autógrafa que guardarei **carinhosamente** entre as melhores relíquias que possuo”;

2º trecho (linhas 6, 7 e 8): “..., porque me fez justiça de acreditar que de modo algum eu me poderia sentir abatido, no plano secundário que **naturalmente** ocupo ante aquele notável patriota”;

3º trecho (linhas 11 e 12): “..., livro a que devemos em parte – *Dever do Momento* – a felicidade de vermos restituído á atividade política aquele cuja *Formação* reflete **incisivamente**, sintetizando uma existência individual,...”;

4º trecho (linhas 16, 17 e 18): “... porque a ouvimos **precisamente** na quadra em que sua tonalidade prodigiosa se harmonizou **admiravelmente** a todos os grandes arrojões e desinteresses da mocidade.”;

5º trecho (linhas 22, 23 e 24): “... e ampliou o nosso destino de subalterno de engenheiros, dando-lhe um significado superior tão bem expresso naquele ‘triangular do futuro’, a que se refere **imaginamente**, golpeando de súbitos lances de gênio...”;

6º trecho (linhas 30, 31 e 32): “Quanto aos *Sertões* – aguardo tranqüilo o resultado de sua leitura. Os deslizos na forma que o inquinam (o José Veríssimo **inflexivelmente** os denunciou) ...”;

7º trecho (linhas 35, 36 e 37): “...; eu, não, para bater de frente alguns vícios do nosso singular momento histórico, copiei, copiei apenas, **incorruptivelmente**, um dos seus aspectos...” (GALVÃO, 1997, p. 150).

Gramaticalmente, os advérbios referem-se às ações dos verbos que os acompanham, e, por isso, todas as ações descritas pelo autor são modalizadas por tais palavras. Dentro do texto, essa modalização colabora na intenção do

autor em transmitir a mensagem e na construção do sentido do texto. Adiante, citamos dois trechos como exemplo.

No 1º trecho, o destinatário soube que não foi guardado de qualquer forma o autógrafo; ele foi guardado “carinhosamente”. Percebe-se que tal documento recebeu e receberá cuidados, será estimado e deixou o escritor feliz. No 6º trecho, o destinatário soube que a ação de denunciar foi realizada “inflexivelmente”, ou seja, não houve meios de se mudar a decisão.

Pela Linguística textual, podemos classificar o elemento lexical “carinhosamente” como indicador de atitude ou estado psicológico, pois o elemento indica o estado afetivo do enunciador com seu enunciatário. Esse indicador, além de estilisticamente demonstrar uma intensa afetividade na epístola, solidifica o vínculo afetivo entre os interlocutores. Já “inflexivelmente” pode ser classificado como índice de modalidade, pois sinalizou o modo como, no caso, José Veríssimo realizou a denúncia.

Pelo estruturalismo, essas palavras, que recebem o acréscimo de *-mente*, morfema flexional derivacional, sofrem o processo de derivação, pois passam a constituir novas palavras na língua. Esse processo possibilita a escolha vocabular da língua, pois uma determinada palavra pode ser criada para se atingir um determinado objetivo semântico na construção do enunciado.

Os exemplos citados demonstram a preferência de uso do advérbio ou indicadores de modalidade pelo autor em torno do verbo e na estrutura do predicado. Isso demonstra que a ênfase que ele deseja dar à ação e ao que se fala a respeito do sujeito sintático.

Saindo da estrutura lexical e entrando na estrutura sintática, elencaremos adiante alguns procedimentos adotados pelo autor para a construção do texto em suas epístolas.

Nos textos epistolares de Euclides da Cunha, são utilizados os mais diferenciados tipos de construções: desde o período simples até o período composto por coordenação e por subordinação. Cada uso é determinado em função do assunto a ser tratado. Nas cartas curtas e de assuntos rápidos há a predominância dos períodos simples e dos coordenados; porém nas cartas mais detalhadas há a predominância da subordinação, talvez em função da argumentação que nelas se faz necessária.

A professora Nilce Sant'anna diz que

são as combinações de segmentos mais breves ou mais longos que produzem o ritmo do discurso, de suma importância para envolver o leitor ou ouvinte. A preferência por períodos mais curtos ou mais amplos, pela simetria ou assimetria dos seus membros, está relacionada com o gosto pessoal do escritor, com o estilo em voga na sua época, e ainda com o gênero da composição.

(MARTINS, 1989, p.142)

Embora haja essa mescla de uso dos períodos, nota-se nas missivas estudadas a preferência pelos períodos curtos. Períodos curtos são aqueles que constituem a mensagem com um mínimo de palavras, podendo chegar até a extensão de uma oração ou período simples. Abaixo segue uma carta com exemplificações desses períodos:

- Carta nº 110 endereçada a João Alfredo Batista Borba:

Lorena, 1 de março de 1903

Meu caro Borba

Recebi a tua carta sobre a demora das despesas. Que fazer? Se receberes até o dia 3 deste, manda-mas. Se não, espere-me aí entre os dias 6 e 10. Tão largo intervalo faço-o porque ao chegar, ontem, do Bananal, recebi um telegrama da morte, num escarro de sangue. Felizmente até agora não se reproduziu. Mas preciso ser cauteloso.

Adeus. Para os Petrônios de que falas, a tua verve valente é bem suficiente. Enterra-lhes no cangote a farpa aguda da ironia.

Euclides da Cunha (GALVÃO, 1997, p. 152)

Na carta acima, há a predominância das frases curtas. Talvez, o próprio tema da carta (a morte) peça o uso dessa construção. O fato ocorrido demonstra a tristeza do remetente que é expressa pelo pouco diálogo na carta e pelas construções curtas.

Há outras cartas nas quais percebemos outros usos de construções curtas justificadas por outras situações. Segue exemplos:

- carta nº 143 endereçada a Francisco de Escobar:

Lorena, 19 de setembro de 1903

Escobar

Aqui recebi a tua carta de ontem.

Ontem chegou o Bormann. Obrigadíssimo.

Responda-me dizendo quando, provavelmente, podes vir. Não tens por aí notícias de minha candidatura?

Não sou mais extenso porque seguir já para lambari onde voltarei hoje mesmo.

Até breve – abraça-te o amº.

Euclides

P. S. – Não recebi ainda o Senna Madureira – e o outro. Talvez venham à tarde
Euclides (GALVÃO, 1997, p. 143)

A justificativa nesse caso pelo uso das frases curtas está implicitamente proposta na própria carta – Não sou mais extenso porque vou seguir já para Lambari onde voltarei hoje mesmo. A situação do dia a dia também influenciou a escolha por esse tipo de construção pelo autor. Algumas das cartas em que predominam as frases curtas mostram a essa preferência em virtude da situação cotidiana.

- carta nº 185 endereçada a Plínio Barreto:

Guarujá, 27 de julho de 1904

Redação do *Estado de S. Paulo*
S. Paulo

Plínio

Hoje aconteceu *uma única*. Escrevi para o *Comércio...* e mandei o artigo para *O País!* Vejo pelo registro do recibo! É que estava sob a impressão de uma carta de Lage, pedindo-me para não interromper a colaboração naquele. Expliquei o caso ao Laerte. Vou emendar a mão.

Até breve.

Euclides

[Carimbo Postal: 30 de julho de 1904]
[Bilhete Postal]

(GALVÃO, 1997, p. 214)

O próprio gênero “bilhete postal”, que é um gênero de familiaridade muito próximo de uma carta, porém com conteúdo reduzido, determina o uso de frases curtas para a composição de sua mensagem.

Estruturalmente, as cartas são construídas com sintagmas nominais e sintagmas verbais, porém com preferência pelos verbais. A preferência por esse sintagma pode se relacionar pela função em desencadear ações no interlocutor.

Outro aspecto sintático que Euclides utiliza nas construções de suas cartas são as frases intercaladas. Elas são aquelas que geralmente não estão presas a uma construção coordenada ou a subordinada. Apenas apresentam-se no período. Antes de destacá-las nas cartas de Euclides da Cunha, caracterizaremos um pouco mais detalhadamente as construções coordenada e subordinada.

A construção coordenada é aquela em que há orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar grupos oracionais ou períodos compostos (BECHARA, 2009, p.476), ou seja, cada oração conserva seu sujeito e seus predicado. Se tomarmos como exemplo a construção extraída da carta de nº 141 endereçada a Coelho Neto nas linhas 14 e 15 quando Euclides escreve “Estou longe, a braços com essa profissão, e a minha candidatura ainda pode soçobrar.”, veremos a relação coordenativa utilizada para a construção da mensagem. Nela temos duas orações com estruturas independentes, mas relacionadas pela adição de idéias – adição marcada pelo uso do conector “e”. A primeira oração – Estou longe – temos (Eu) como sujeito elíptico e – estou longe – como predicado. Já na segunda oração – a minha candidatura ainda pode soçobrar – temos um sujeito expreso “a minha candidatura” e um predicado “ainda pode soçobrar.” Se há uma dependência, ela não é de caráter sintático, mas de caráter semântico.

A construção subordinada é aquela que mantém uma relação de pertença, uma passa a ser um membro sintático da outra (BECHARA, 2009, p.462). O exemplo à frente extraído da carta de nº 157 endereçada a Coelho Neto contido nas linhas

20 e 21 demonstra um exemplo da construção subordinativa: “Se existir o teu céu, meu brilhante amigo, __ para lá irei direitinho,…” Nela temos uma relação de dependência sintática entre a primeira oração – se existir o teu céu, meu brilhante amigo, - e a segunda oração – para lá irei direitinho. A primeira oração funciona como adjunto adverbial do predicado da segunda oração. Além da dependência sintática, há, de fato, uma dependência semântica.

Visto isso, podemos caracterizar as construções intercaladas. Segundo o professor Evanildo Bechara, as construções intercaladas são orações justapostas que estão separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular (BECHARA, 2009, p.480). Ele complementa que essas orações do ponto de vista do semântico podem expressar citação, advertência, opinião, desejo, escusa – desculpa, permissão e ressalva.

A construção intercalada geralmente é usada nas epístolas euclidianas quando esse autor tece algum comentário, muitas vezes irônico, em relação a um determinado assunto. Vejam-se os exemplos à frente:

- Trecho da carta de nº 103, linhas 20 a 24, endereçada a Francisco de Escobar e escrita em 26 de janeiro de 1903:

“Quem me parece singularmente mudado é o Valdomiro. Não só foi o único conhecido (não posso infelizmente dizer: amigo) que nem um cartão me enviou pelo nascimento dos *Sertões* – como num artigo de hoje (belo artigo sob o título *Eu, no sertão*) alfinetou-me de leve numa alusão longínqua” (GALVÃO, 1997, p.146)

No trecho acima temos dois exemplos expressos entre parênteses de frases intercaladas: o primeiro “não posso infelizmente dizer: amigo” faz uma consideração em relação ao termo “único conhecido”, ou seja, “Valdomiro” que

exprime a opinião ou ponto de vista do locutor. A ausência da frase deixaria perceptível apenas o ocorrido: o não envio de um cartão de saudação ao nascimento da obra. O segundo “belo artigo sob o título *Eu, no sertão*” demonstra a opinião e principalmente a imparcialidade em avaliar a obra sem se deixar envolver com o episódio anterior. O adjunto adnominal “belo”, assim como no primeiro exemplo, é o elemento que evidencia a opinião ou o ponto de vista do locutor.

- Trecho da carta nº 145, linha 5, 6 e 7, endereçada a Machado de Assis e escrita em 22 de setembro de 1903:

“Creia o meu distintíssimo patrício que no novo posto a que fui elevado (e não sei de nenhum outro mais elevado, neste país) me encontrará sempre assistido de uma boa vontade sem limites...” (GALVÃO, 1997, p. 182).

No trecho acima, temos a frase “e não sei de nenhum outro mais elevado, neste país” exalta o posto, ou seja, a vaga conquistada na Academia Brasileira de Letras. A utilização da frase intercalada, nesse exemplo, reforça e enfatiza a conquista conseguida. Ela também exprime a opinião do autor em relação ao tema tratado, além de, pela vertente linguística, expressar uma valoração do fato, em virtude da presença do índice modal “mais”.

Portanto, as frases intercaladas colaboram para expressar a construção do pensamento e a intencionalidade de Euclides da Cunha. É um mecanismo sintático que foi bem explorado por Euclides da Cunha em suas missivas.

Saindo da intercalação e entrando na ordem fraseológica, vamos encontrar predominante nas construções sintáticas das cartas euclidianas a ordem direta, salvo algumas exceções quando o autor deseja salientar uma determinada idéia. Entende-se por “ordem direta” a construção linguística que mantém a ordem

gramaticalmente estabelecida – sujeito e predicado – ou – sujeito + verbo + complemento. Veja o exemplo:

- Trecho da carta de nº 122 endereçada ao pai em 12 de junho de 1903:

“Meu Pai

Desejo que esta o encontre de boa saúde. Não lhe tenho escrito porque desde o dia 28 do mês passado ando em constantes viagens. Tenho mandado, logo que aqui chegam, as *Lectures pour Tours*, e ontem um *Comércio de S. Paulo*. O Laemmert propôs comprar-me desde já por 1:600\$000 a 2ª edição de dos *Sertões* que saiu há 3 dias. Aceitei porque preciso de uma entrada do seguro de vida que fiz, e com o que anteriormente recebi paguei as dívidas que tinha.” (GALVÃO, 1997, p. 165).

Percebe-se no exemplo acima que há a predominância da ordem direta. Essa preferência pode estar relacionada ao fato de a mensagem ter sido composta de frases enunciativas ou declarativas as quais são tipicamente construídas nessa ordem.

Um outro ponto sintático que predomina nas construções textuais de Euclides da Cunha: o sujeito desinencial ou elíptico.

Na estrutura do enunciado, esse tipo de sujeito possibilita estabelecer a coesão referencial frástica, pois evita a repetição de elementos referenciais.

Utilizando a carta anteriormente citada de nº 160, percebemos a presença desse sujeito em toda a sua construção. Tal uso é possível, graças à terminação verbal que por si só identifica a pessoa do discurso na construção sem a necessidade de

identificação pelo escritor. Essa é uma característica da língua portuguesa que a difere de outras línguas como, por exemplo, a língua inglesa.

Geralmente, o uso expresso desse sujeito refere-se à ênfase que o autor deseja dar a ele. Vejamos um exemplo desse uso expressivo em duas cartas euclidianas:

- Trecho da carta nº 44, linhas 6 e 7, endereçada ao pai e escrita em 22 de setembro de 1903:

“Assim, o desvio que abri nesta minha engenharia obscura, alongou-se mais do que eu julgava. É ao menos um consolo nestes tempos de filhotismo absoluto...” (GALVÃO, 1997, p.181).

O sujeito expresso “eu” reforça a ação do verbo julgar. Segundo o professor Rodrigues Lapa, “a presença do pronome chama mais vivamente a atenção para a respectiva pessoa. Ele tem a função de enfatizar” (LAPA, 1997, p. 138).

- Trecho da carta nº 157, linhas 6, 7 e 8, endereçada a Coelho Neto e escrita em 22 de novembro de 1903:

“Não transcreveram o meu (discurso); não podiam arquivá-lo tão a fundo, tão de frente, embora sob o aspecto geral, eu feri o presente abominável em que estamos” (GALVÃO, 1997, p.190).

O trecho trata da transcrição da resposta ao discurso de posse no Instituto Histórico do conselheiro Corrêa e não o de Euclides. O tema da carta já justifica o uso do pronome sujeito. Euclides chama a atenção do destinatário para a situação a que foi exposto.

4.5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados possibilitaram estabelecer o papel estilístico dos recursos morfossintáticos na escrita dos textos. Por meio deles, há a preocupação em estabelecer uma relação afetiva entre o remetente e os diversos destinatários no momento de escrita das cartas, tanto ao tratar o tema quanto o interlocutor. A preferência pela utilização dos elementos morfossintáticos levantados permitiu que esse objetivo afetivo fosse alcançado.

Os adjetivos, utilizados com outras palavras ou não, possibilitam alcançar a relação afetiva. É o caso dos vocativos adjetivados que chamam a atenção do interlocutor, porém de maneira qualificadora.

O uso dos pronomes de tratamento possibilitou estilisticamente estabelecer o grau de proximidade ou distância entre os enunciadores nos documentos analisados. Assim como o uso da segunda pessoa “tu” estabeleceu uma relação com um tom mais coloquial.

O uso dos índices modais possibilitou a modalização dos temas tratados, permitindo estilisticamente o julgamento por parte do enunciador.

O uso das frases curtas tornou mais perceptível a preferência do autor por essas construções em determinados intervalos entre uma atividade e outra, espelhando a situação vivida pelo locutor. A utilização de frases intercaladas permitiu ao autor a tecer comentários opinativos a respeito dos temas tratados. Por fim, o uso do sujeito desinencial destaca a preferência do autor para se evitar repetições.

A análise estrutural permitiu verificarmos os elementos que possibilitam a manutenção nos níveis lexical e sintagmático no enunciado e percebermos que as relações flexionais entre os elementos estruturais do vocábulo e do sintagma devem ser mantidas para a construção do sentido no texto.

Na estruturação do enunciado, verificamos as funções do vocativo para situar o leitor da carta em relação ao interlocutores, das formas de tratamento utilizadas nas epístolas com a função de situar o leitor em relação ao grau de proximidade dos interlocutores, da coesão por meio da referenciação frástica, da utilização das frases curtas em seus escritos as quais possibilitam inferir a rotina profissional e pessoal dinâmica do escritor, das frases intercaladas com a função de expressar pensamentos em relação aos tema escrito no enunciado, da ordem direta na estrutura das frases do enunciado e, por fim, da utilização do sujeito desinencial, também como elo coesivo na estrutura do enunciado.

Evidenciado tais aspectos, passamos à conclusão para apontar as marcas de estilo nos documentos analisados.

CONCLUSÃO

Esse trabalho tem como tema os recursos morfossintáticos presentes nas epístolas de Euclides da Cunha que podem ser considerados como marcas de estilo do autor. Por isso, propôs-se a questão: quais são os recursos morfossintáticos utilizados nas missivas euclidianas que podem ser considerados

como marcas do estilo do autor? Essa pergunta foi respondida quando analisamos a epístolas de Euclides da Cunha. Encontramos predominantemente como parte de seus textos o uso dos adjetivos que no texto assumiam o papel de elemento caracterizador dos temas e dos interlocutores; o uso tanto das formas de tratamento – vossa senhoria, Ilmo, entre outras – que estabeleciam graus de intimidade entre os interlocutores; o uso da segunda pessoa “tu”, que marca um uso existente na época; o uso dos advérbios como índice de modalização temática no texto; o uso de frases curtas; o uso da ordem direta e o uso do sujeito elíptico

Seguindo a ordem de análise, vimos que as cartas de Euclides da Cunha são detentoras de uma unidade e de uma progressão temática. A unidade demonstra que os documentos apresentam uma estrutura constante – indicação de local, remetente, um destinatário e um assunto. Os assuntos são diversos e mudam conforme a informação que ele deseja comunicar. A progressão é predominantemente constituída pelo encadeamento de informações que utilizam elementos semânticos para retomada de elementos lexicais, com o acréscimo de comentários novos ou a transformação de comentários em novos tópicos.

Nos procedimentos de escrita, verificamos a preferência no campo lexical, pelo uso do vocativo adjetivado com a função de remeter ao leitor um grau de afeto; pelo uso dos adjetivos a fim de caracterizar e qualificar os temas em questão; pelo uso das formas de tratamento com a função de estabelecer graus de intimidade e distância de acordo com o seu interlocutor; pela conservação da segunda pessoa do discurso “tu” que marca o uso existente na época da escrita das cartas em um tom mais coloquial; pelo uso dos advérbios com a função de modalizar o discurso elaborado pelo autor. No campo sintático, há a preferência pelo uso de períodos curtos com a função de tratar os temas mais rapidamente em virtude das atividades desempenhadas pelo escritor indicadas em seus

escritos; pelo uso de frases intercaladas com a função de emitir opiniões a respeito de temas tratados; pela preferência da ordem direta, principalmente quando há a predominância das orações enunciativas ou declarativas e pelo sujeito desinencial ou elíptico, como recurso de manutenção coesivo referencial frástico.

A preferência levantada nos procedimentos de escritura pode ser considerada como marcas de estilo, no campo morfossintático, do autor. Essa afirmação é possível se considerarmos estilo como uma escolha dos meios de expressão determinada pela intenção do falante ou escritor, conforme defini o professor Pierre Guiraud (1970, p.164). Esses procedimentos atendem a diversas finalidades, tais como: moldar o discurso conforme o interlocutor, e por meio das possibilidades de escolha vocabular, utilizar um ou outro de acordo com o gênero escrito.

Após o levantamento das marcas de estilo do autor, percebeu-se que há adequação do uso dos elementos morfossintáticos, tanto para estabelecer uma relação de proximidade com o interlocutor, quanto para estruturar e criar o sentido textual nas mensagens escritas. São documentos que apresentam encadeamento temático sem problemas de compreensão.

Essas foram as marcas de estilos morfossintáticas percebidas na análise das cartas de Euclides da Cunha realizadas nesse trabalho e que contribuíram para a construção de uma estrutura enunciativa coesa e clara nas epístolas do autor. Na sequência relacionamos a bibliografia utilizada para elaboração das referências no corpo dessa análise e para leitura.

BIBLIOGRAFIA

ADAMZIK, K. 1997. *Textsorten – Texttypologie. Eine Kom Mentierte Bibliographie*. Munster, Nodus Publikationem.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, Celso e Cintra, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: Introdução*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “À Margem da Carta”. In: _____. *Desconversa*. 1998. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 154-163.

_____ e GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

GUIRAUD, Pierre. *A Estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A Coesão Textual*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A Inter-Ação pela Linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. Minas Gerais: Pontes, 1994.

Marcuschi, Luiz Antonio. “Gêneros Textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. 2002. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz / EDUSP, 1989.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica*. 2004. São Paulo: Atlas.

MELO, Glasdstone Chaves de. *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria e Editora, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: A Espada e a Letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PONTES, Eloy. *A Vida Dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1938.

RIFFATERRE, Michael. *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. de e KOCK, Ingedore Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Lingüística Aplicada ao Português: Sintaxe*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.